

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

FRANCISCA NAILÊ BERNARDO DE ARAÚJO

CALDEIRÃO DE SANTA CRUZ DO DESERTO: UM ESTUDO DA
RELIGIOSIDADE POPULAR (1926-1936)



NATAL-RN

2005

FRANCISCA NAILÊ BERNARDO DE ARAÚJO

CALDEIRÃO DE SANTA CRUZ DO DESERTO: UM ESTUDO DA
RELIGIOSIDADE POPULAR (1926-1936)



Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do professor Wicliffe de Andrade Costa.

NATAL-RN

2005

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me possibilitado realizar mais essa meta na minha vida.

Agradeço a meus pais, pelo esforço despendido para que eu concluísse meus estudos, pelo apoio e pela formação pessoal.

Agradeço aos meus professores do curso de História, da URCA, onde comecei o curso, e da UFRN, pelos conhecimentos transmitidos.

Ao professor Wicliffe, pelo empenho e o apoio na elaboração da redação desse trabalho.

A Di, pelo carinho e dedicação e por ter me motivado a não desistir dos meus objetivos.

Aos amigos e colegas. E, em especial a Selma, por ter me apoiado nos momentos que mais precisei.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1. PADRE CÍCERO E A RELIGIOSIDADE POPULAR	10
1.1 O milagre das hóstias e suas consequências: as romarias	13
1.2 José Lourenço e o padre Cícero	16
1.3 Os caldeirenses e o padre Cícero	19
2. A IRMANDADE DA SANTA CRUZ	23
2.1 Os rituais religiosos no Caldeirão	26
2.2 O líder beato	29
3. O CALDEIRÃO E A RELIGIOSIDADE POPULAR	40
3.1 O Caldeirão e a hierarquia eclesiástica	44
3.2 Romarias ao Caldeirão	51
CONCLUSÃO	58
FONTES	61
BIBLIOGRAFIA	64

INTRODUÇÃO

Constituindo mais um exemplo de movimento social de cunho religioso, o Caldeirão ocorreu no sul do estado do Ceará, mais exatamente na cidade do Crato, na primeira metade do século XX (1926-1936). O movimento tinha como líder um beato chamado José Lourenço e para muitos, principalmente aqueles que o destruíram, era como uma espécie de Canudos, só que em lugar, tempo e proporções demográficas diferentes.

O Caldeirão foi formado a partir do movimento de Juazeiro, onde o padre Cícero Romão Batista passou a ser motivo de atração de milhares de pessoas desde um milagre em que a hóstia consagrada, que ele dera à beata Maria de Araújo, havia se transformado em sangue (1889).

A grande afluência de pessoas para Juazeiro do Norte, no Ceará, acabou por se constituir numa mão-de-obra disponível e ao padre Cícero cabia indicar-lhes um destino. Muitas dessas pessoas foram mandadas para a comunidade do Caldeirão, na medida em que demonstravam aptidão em lidar com a terra.

O Caldeirão foi uma comunidade de camponeses que existiu durante 10 anos. Lá habitaram cerca de 1.700 pessoas. Inicialmente, era um pequeno grupo sob a liderança do beato José Lourenço, em torno da devoção à Santa Cruz, que era estimulada pelo padre Cícero. Isso explica o fato de a comunidade ser também designada como Caldeirão da Santa Cruz do Deserto.

Nesta comunidade, os camponeses se organizavam com base na prática de oração e trabalho. Lá todos trabalhavam para todos e, como dizia o beato líder, "tudo era de todos e nada era de ninguém". Formavam, então, uma comunidade cooperativista sob a liderança do beato José Lourenço, em terras recebidas do padre Cícero, aproximadamente de 880 hectares.

A denominação Caldeirão diz respeito à sua localização geográfica: existe uma formação natural de pedra, com mais ou menos dois metros de profundidade, que conserva água de um riacho no seu interior, lembrando um grande caldeirão.

A tradição oral se refere à localidade como "Caldeirão dos Jesuítas". Segundo ela, por algum tempo, naquela região, havia vivido dois padres jesuítas, possivelmente refugiados das perseguições promovidas pelo ministro português Marquês de Pombal, à época da expulsão dos jesuítas, no século XVIII.

A comunidade do Caldeirão cresceu muito após a seca de 1932. Centenas de sertanejos, provenientes de vários estados nordestinos, foram acolhidos e alimentados no Caldeirão e acabaram ficando lá mesmo, integrando-se ao regime cooperativista de trabalho na comunidade. Nessa época, o Caldeirão constituiu uma alternativa para os flagelados da seca que tinham apenas os "campos de concentração" do governo para escapar da fome. Eram nos chamados "currais do governo" que milhares de sertanejos viviam e morriam de forma miserável devido às péssimas condições de higiene e a precária distribuição de alimentos.

Com a morte do padre Cícero, em 1934, o crescimento populacional do Caldeirão acelerou. E começaram a existir as romarias para o Caldeirão. Entre os motivos para a existência delas estavam as pregações de Severino Tavares pelos sertões. Um dos objetivos de suas prédicas era chamar as pessoas a visitarem o Caldeirão.

Junto às romarias vieram consideráveis riquezas (cargas de produtos agrícolas; objetos variados a título de presente) que eram doadas ao beato José Lourenço. Entretanto, o crescente prestígio do Caldeirão, no contexto do sertão nordestino, também chamou a atenção das autoridades que trataram de se organizar para conter o crescimento daquele "núcleo de fanáticos".

Por representar, na concepção das elites, um perigo à ordem constituída é que o Caldeirão foi destruído. Era classificado como "antro de fanáticos", "perigo comunista", ou "um novo Canudos". A comunidade foi invadida, em setembro de 1936, por forças policiais do Estado do Ceará. Parte da população foi presa e mandada para Fortaleza. Outros penetraram na floresta da Serra do Araripe, se dispersando na mata. Muitos foram obrigados a migrar para qualquer lugar. José Lourenço fugiu e refugiou-se numa localidade de nome "Mata dos Cavalos", onde foi reencontrado por alguns ex-moradores do Caldeirão e passou a viver clandestinamente.

Durante o ano de 1937, as perseguições ao "povo do beato" persistiriam na Serra do Araripe. Em um dos episódios desse processo, num conflito entre as forças policiais e os camponeses, supostamente liderados por Severino Tavares, morreram oito pessoas das quais quatro eram das forças militares. Assim, estava justificada a continuidade das perseguições ao povo do Caldeirão.

A repressão se tornou ainda mais truculenta. Até mesmo aviões foram utilizados. De acordo com o chefe da polícia da época, morreram cerca de 200 camponeses nesses novos ataques. E, para que não tivesse o trabalho de enterrar os corpos,

os soldados juntavam os mortos e, com gasolina, faziam fogueira de camponeses assassinados.

As pessoas que vestiam preto e tinham um rosário no pescoço eram presas, torturadas e acabavam sendo mortas.

No início de 1938, o beato e alguns ex-moradores do Caldeirão teriam retornado ao Caldeirão. Mas, no final de 1939, foram novamente expulsos das terras, que já tinham começado a recuperar. Com isso, o beato comprou um terreno em Pernambuco. Lá organizou, a partir de 1942, uma nova comunidade cooperativista sob a sua liderança, numa localidade conhecida por sítio União. Lá, alguns ex-moradores do Caldeirão seguiriam o beato e, de alguma forma, tentariam reconstruir a mesma vivência fraterna que tinham no Caldeirão.

Diante da possibilidade de desenvolver uma pesquisa em História com fins à conclusão do curso, pensamos, de antemão, num tema que pudesse integrar a História do Ceará à História do Rio Grande do Norte. O fato de a autora desse trabalho ser natural do Ceará justifica essa preocupação.

O conhecimento de que, no movimento social do Caldeirão 75% das pessoas eram do Rio Grande do Norte motivou-nos a ter nele o nosso objetivo de estudo. Ademais, na bibliografia norte-rio-grandense observamos referência à existência de apenas um movimento social da Serra de João do Vale, no município de Campo Grande – hoje, Augusto Severo. Lá se constituiu uma comunidade em torno de Joaquim Ramalho, que pregava como Antônio Conselheiro. Todavia, a repressão foi imediata: o líder foi preso e o movimento se dispersou.

Podemos estabelecer, também, outra relação com a História do Rio Grande do Norte. Na concepção dos seus opositores, era uma comunidade comunista devido sua organização socioeconômica. Sendo assim, o Caldeirão poderia ter sido reducto de fugitivos comunistas, inclusive perseguidos da Intentona Comunista, ocorrida aqui no Estado, em 1935.

Ademais, interessamo-nos em tornar mais conhecido o movimento do Caldeirão entre os alunos do curso de História dessa instituição. Muitos nem sequer sabiam da existência da comunidade.

Estamos inseridos no contexto social nordestino e consideramos fundamental conhecer mais essa realidade. Dentro desse contexto, enfatizamos a religiosidade, que norteia a vida social do homem sertanejo, determinando sua concepção de vida e forma de ver o mundo.

Localizando o Caldeirão como uma comunidade rural, situada no sertão nordestino, aderimos à idéia de que movimentos sociais como estes são bem aceitos no meio rural em detrimento do meio urbano. Diferente do que ocorre em locais urbanizados, onde as concepções de mundo são elaboradas a partir de outros conhecimentos, dando origem a diferentes opções ideológicas, o sistema simbólico que orienta, organiza e dá sentido ao mundo para o homem do campo é a religiosidade. No caso do povo sertanejo nordestino, o que predomina como religião é o catolicismo.

Às populações sertanejas são atribuídos um misticismo e um simbolismo característicos, constituídos desde o processo de colonização, quando eram formados por missionários religiosos, como os jesuítas.

Vale acrescentar que, o tipo de catolicismo predominante no meio sertanejo a que nos referimos é o que Gramsci classifica como a “crença dos simples”. Este autor distingue uma religião popular “muito diferente da dos intelectuais e da hierarquia eclesiástica, uma moral popular formada por um conjunto de ‘máximas’ para a conduta prática de costumes”. É o chamado catolicismo popular, atribuído, na maioria das vezes, às camadas dominadas, por autores como Luitgarde O. C. Barros e Pedro A. R. de Oliveira.

A partir do resumo da história do Caldeirão notamos que poderíamos estudar a comunidade sob diversas perspectivas. Todavia, reconhecendo no Caldeirão um movimento social religioso, o objetivo do nosso trabalho se dá no sentido de construir através dos elementos religiosos relacionados ao movimento – seja a pessoa do padre Cícero, seja a condição de líder do beato ou ainda as práticas religiosas dos caldeirenses, – um quadro que estabeleça a ligação entre a religiosidade, no caso a religiosidade popular, e a existência da comunidade do Caldeirão.

Para tanto, o trabalho está estruturado em três capítulos, de acordo com esses objetivos. O primeiro capítulo diz respeito à relação do padre Cícero com a existência da comunidade e, portanto, nele, analisamos o Caldeirão como extensão do movimento de Juazeiro. No segundo capítulo, passamos dos antecedentes à comunidade em si, analisando seus rituais religiosos e o líder na sua condição de beato. Já o terceiro capítulo trata de estabelecer a relação entre o Caldeirão, na condição de manifestação do catolicismo popular, e a hierarquia eclesiástica, na condição de representante do catolicismo oficial. Como, atualmente, observamos a mudança de postura da Igreja Católica, enquanto instituição, em relação ao Caldeirão, diferente

do que acontecer à época de existência da comunidade, analisamos, também, em que sentido se dá esse novo posicionamento.

Os limites temporais e espaciais adotados para a realização desse estudo, já estão justificados na história do Caldeirão, que existiu de 1926 a 1936. Especialmente, adotamos as cidades de Crato e Juazeiro do Norte, devido à relação existente entre a comunidade e o movimento religioso de Juazeiro, como também a sua relação com o padre Cícero, a quem pertenciam às terras do Caldeirão. A localização geográfica do Caldeirão era na cidade do Crato. Ademais, parte da bibliografia existente sobre o Caldeirão pode ser encontrada no Memorial Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, e na Universidade Regional do Cariri – URCA, localizada no Crato.

A bibliografia utilizada nesse trabalho diz respeito ao Caldeirão de forma específica e obras que tratam do movimento de forma mais generalizada, a partir de algumas teorias. No primeiro grupo temos as obras de Francisco Régis Lopes Ramos, que também estabelece a relação com o movimento de Juazeiro, e Domingos Sávio de Almeida Cordeiro. Entre as obras do segundo grupo temos a de Pedro A. R. de Oliveira, Luitgarde de Oliveira C. Barros e Maria Isaura P. de Queiroz. Ademais, por constituir um movimento social religioso que tinha como base o catolicismo popular, e dado o contexto de romanização vivenciado àquela época pela Igreja Católica, utilizamo-nos de bibliografia relacionada à história da Igreja Católica no Brasil, no sentido de definir sua trajetória, relacionando-a a história do Caldeirão.

Para a realização desse trabalho fizemos o uso da oralidade de alguns remanescentes. Por estarmos nos referindo a uma comunidade relativamente recente, ainda podemos encontrar ex-moradores do Caldeirão. Das entrevistas utilizadas, três foram feitas pela autora desse trabalho com os remanescentes. As demais, com contemporâneos à comunidade e remanescentes, foram feitas por historiadores do Caldeirão. Os fragmentos das entrevistas, encontrados no decorrer desse trabalho, foram retirados dos livros de Francisco Régis Lopes Ramos – *Caldeirão um estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades* – e Domingos Sávio de Almeida Cordeiro – *Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão*.

Objetivando estabelecer comparações entre as informações obtidas nas entrevistas, os questionários foram padronizados. Foram elaborados previamente e estruturados a partir dos objetivos pretendidos nesse trabalho.

De forma a facilitar a transcrição das falas, as entrevistas foram gravadas em fitas K-7. Somente um dos quatro remanescentes entrevistados não quis gravar en-

trevista. Com ele só pudemos, então, tomar notas de algumas informações sobre a comunidade.

Além da entrevista com remanescentes fizemos uma entrevista com uma representante da Comissão Pastoral da Terra da Diocese do Crato. A decisão em fazê-la se constituiu a partir do que planejamos para o terceiro capítulo que aborda em um dos seus pontos as romarias atuais organizadas pela CPT ao Caldeirão. Nessa entrevista foi adotado o mesmo método das entrevistas com remanescentes.

Os remanescentes entrevistados residem em Juazeiro do Norte e Crato. Todas as entrevistas foram realizadas no mês de fevereiro de 2005. Com dois dos remanescentes – José Tavares de Lira e Maria de Lourdes de Andrade Sales – entrevistados tivemos apenas um contato pessoal. Com os outros dois – Maria Antônia de Moraes e Pedro Alexandrino Neto – tivemos vários encontros, o que favoreceu ainda mais o acesso a materiais acerca do nosso objeto de estudo, devido o clima de amizade que foi, naturalmente, se estabelecendo.

PADRE CÍCERO E A RELIGIOSIDADE POPULAR

Formado no Seminário da Prainha, em Fortaleza, no ano de 1870, o padre Cícero Romão Batista chegou ao Crato em janeiro do ano seguinte. Todavia, não assumiu de imediato uma paróquia e ficou como colaborador na qualidade de professor de latim no Colégio Venerável Ibiapina, celebrando, também, nas capelas da região. No fim de dezembro de 1871, recebeu um convite para celebrar a missa do Natal, no povoado de nome Juazeiro, da paróquia do Crato.

Não era intenção do padre fixar residência no povoado, embora não tivesse lugar uma paróquia para assumir. Todavia um sonho mudou seus planos:

"Certa vez, ao anoitecer de um dia exaustivo, após ter passado horas a fio a confessar os homens do arraial, atravessou, pesadamente, o pátio da capela, em direção ao prédio da pequenina escola onde estava provisoriamente alojado. Ai, no quarto contíguo à sala de aula, caiu no sono e a visão fatal se revelou: 13 homens em vestes bíblicas entraram na escola e sentaram-se em volta da mesa do professor numa disposição que lembra a Última Ceia, de Leonardo da Vinci. O padre sonhou, então que acordava e levantava-se para espiar os visitantes sagrados, sem que estes o vissem. Neste momento, os 12 apóstolos viraram-se para olhar o Mestre. De acordo com o relato desse sonho, Cristo apareceu na escola tal como no retrato litúrgico popular do séc. XIX, e que se encontrava em quase todos os lares piedosos da época [...]. No momento em que o Cristo imaginário levantava-se para dirigir a palavra a seus apóstolos, um bando de camponeses miseráveis entrou, de repente, na escola. Carregando seus parcos pertences em pequenas trouxas sobre os ombros, estavam os homens e as mulheres vestidos de farrapos, e as crianças nem isso tinham. Davam à impressão de virem de muito longe, de todos os recantos dos sertões nordestinos. Cristo, então, virou-se para eles e falou, lamentando a ruindade do mundo e as inúmeras ofensas da humanidade ao Sacratíssimo Coração. Prometeu fazer um último esforço 'para salvar o mundo', mas caso os homens não se arrependessem depressa. Ele poria fim ao mundo que Ele mesmo havia criado. Naquele momento, Ele apontou para os pobres e voltando-se, inesperadamente, para o jovem sacerdote estarecido, ordenou: 'E você, Padre Cícero, tome conta deles'".¹



No ano de 1872, o padre Cícero se mudou do Crato para Juazeiro com a mãe, Joaquina Vicência Romana (D. Quinô), duas irmãs solteiras – Angélica e Mariquinhas – e uma escrava – Tereza do Padre.²

Através das visões noturnas o padre legitimava para si e para os outros a sua missão divina. ~~E passou a assumir um trabalho que já havia assistido o padre Ibiapi-~~

¹ DELLA CAVA, Ralph apud BARROS, Luitgarde O. C. *A Terra da Mãe de Deus*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1988. p. 27.

² RAMOS, Francisco R. L. Juazeiro e Caldeirão: espaços do sagrado e do profano. In: SOUZA, Simone de (Org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000. p. 348.

na fazer pelo interior do Nordeste.³ Este padre foi ordenado em Olinda e não passou pela formação do seminário, nesse contexto já marcado pelo processo de canonização que começava a ser implantada na realidade brasileira, já que os formadores do seminário eram estrangeiros, bastante vinculados às orientações de Roma. Assim, embora na sua vida pessoal o padre Cícero tivesse contato com o universo popular da cultura dos sertanejos, sua formação fora bastante vinculada ao chamado catolicismo oficial, ao contrário do padre Ibiapina. Este teria em si o potencial revolucionário da utopia cristã. Considerado o Apóstolo do Nordeste, o padre Ibiapina revolucionava promovendo efervescência de fé e vida religiosa prática. Além das pregações, nas quais condenou, principalmente, a prostituição e os crimes, o padre realizou a construção de açudes na região seca, cemitérios, e igrejas e casas de caridade, que funcionavam como hospital, orfanato e escola para órfãos pobres. Dessa forma o antigo costume do sertanejo, que era o trabalho em mutirão foi revitalizado para obras públicas. O isolamento das populações sertanejas se desfez, os vazios institucionais no universo sertanejo foram preenchidos e, além disso, o trabalho adquiriu uma conotação de sagrado, já que santificado por Deus.⁴

O padre Ibiapina seria o fundador da ordem dos beatos e beatas, à qual seria confiada a administração de suas obras de caridade. Agora, as perseguições já sofridas da parte da Igreja se manifestariam oficialmente, já que tinha o padre Ibiapina desobedecido às prescrições canônicas, que determinou às autoridades eclesásticas a autorização para fundação de ordens religiosas. O padre foi censurado em 1863 pelo bispo de Fortaleza. E, quando o padre Cícero foi ordenado, o padre Ibiapina já estava afastado do Ceará.

Durante toda a sua vida sacerdotal, o padre Cícero seria marcado pela tentativa, decerto conflituosa de conciliar uma práxis do catolicismo popular, voltado para as baixas camadas, e a obediência à autoridade eclesástica, no contexto, em constantes conflitos com a religiosidade dita popular, a qual deveria se submeter.⁵

Como observamos, o misticismo, característico do universo sertanejo, encontrou-se presente no padre que confessou ter num sonho seu motivador mais forte para exercer sua vocação num povoado que não constituía parte dos seus objetivos pessoais.

³ BARROS, Luitgarde O. C. *A Terra da Mãe de Deus*. p. 118.

⁴ *Ibid.*, p. 102.

⁵ *Ibid.*, p. 118.

As práticas do padre Cícero, logo de antemão o diferenciaram dos demais padres da Igreja Católica, quando recusou receber pagamento pelos misteres do sacerdócio e começou a empreender um trabalho missionário bastante próximo do povo sertanejo, interferindo na vida da população, mudando os hábitos e vícios considerados pecaminosos e exortando o povo ao trabalho. Logo se fizeram sentir as conseqüências de tais práticas quando o número de pessoas que iam a Juazeiro começou a crescer constantemente. Até padres iam para Juazeiro devido às notícias do ambiente de religiosidade observado no povoado. Tratava-se, agora, de um lugar de orações com o povo trabalhando, de rosário no pescoço, rezando o ofício e o terço à boca da noite. A semelhança com o ambiente de efervescência observado durante as atividades missionárias do padre Ibiapina era perfeitamente notável.⁶

As atividades que o padre Cícero tinha, diferente do restante do clero, o tornavam extraordinário aos olhos do povo que acorria ao Juazeiro objetivando conhecer o padre, com ele se aconselhar e dele receber a bênção. Ademais, a caridade, a castidade, o desprendimento e as abnegações as coisas materiais aumentavam o respeito do povo ao padre Cícero.

O sentimento de confiança e proteção em relação ao padre Cícero foi correspondido em épocas como as secas, a exemplo da grande seca de 1877, quando milhares de sertanejos foram dizimados pela fome e pelas doenças. O padre recorreu a todos, inclusive às autoridades constituídas, o socorro urgente para os sertanejos, aos quais tinha a missão de cuidar e proteger.⁷

São em épocas como as secas, um dos problemas sociais característicos do Nordeste brasileiro, que as populações pobres desassistidas pelos poderes públicos só têm as práticas religiosas para se apegar. Daí se intensificar, nessa época as orações no sentido de comover os santos para sair do sofrimento. E, como para os fiéis o conforto ao espírito era o mais importante, atribuir-se a filho do padre Cícero constituiu uma forma de encarar o sofrimento, confiante na proteção do padrinho. Já que esta era sua mais inadiável tarefa. Vale salientar que o fato de os devotos do padre Cícero a eles se referirem como padrinho tem um valor simbólico considerável no universo cultural do homem sertanejo. O termo padrinho tem uma conotação de indicar segundo pai, aquele que tem obrigação de amparar e proteger o filho órfão

⁶ BARROS, Luitgarde O. C. **A Terra da Mãe de Deus**. p. 119.

⁷ *Ibid.*, p. 135.

ou em necessidade.⁸ Ademais, quando se usava a expressão meu padrinho identificava-se na pessoa assim chamada a capacidade de se responsabilizar pelos seus afilhados. Assim indivíduos relapsos nas obrigações de padrinho não receberiam esse título, conferido de forma espontânea pelo povo sertanejo.

Assim, “na confiança depositada no padre Cícero, o fiel constrói urdiduras de significados [...] nessa trama de sentidos, o devoto sente-se diante de uma força superior e, ao mesmo tempo, sente-se mais forte para enfrentar a vida”.⁹

1.1. O milagre das hóstias e suas conseqüências: as romarias.

Como vimos, durante os períodos mais difíceis para o sertanejo, como as épocas de seca, as orações eram intensificadas como forma de comover os santos a aliviar os sofrimentos dos nordestinos pobres. No ano de 1889, os sinais da natureza, para o homem do campo, apontavam a possibilidade de uma nova seca no sertão, pois o sol havia brilhado no dia de Santa Luzia e o povo estava apavorado, pois mal se recuperava da já referida grande seca de 1877.¹⁰

Na Semana Santa de 1889, muitas mulheres piedosas viraram noites de primeiras sextas-feiras na Igreja em vigília de orações e sacrifícios. Os padres, por sua vez, confessavam durante toda a noite os que desejavam fazer a comunhão reparadora.

Na primeira sexta-feira de março, o padre Cícero se dirigiu ao altar com o objetivo de ministrar a comunhão para as mulheres que participavam da Vigília Litúrgica, entre elas Maria de Araújo, a quem confessava e orientava desde seus primeiros anos de sacerdócio no Juazeiro. Quando entregou a ela a comunhão, a hóstia se transformou em sangue que lhe escorreu da boca. Rapidamente a notícia se espal-

⁸ Na tradição dos sertanejos a prática de padrinhagem é bastante comum. Nas festas de São João, na Semana Santa, além dos batizados constituem-se rituais realizados entre padrinhos e afilhados. No livro *A Terra da Mãe de Deus*, Luitgarde O. C. Barros faz referência a um ritual da Semana Santa entre padrinhos e afilhados que assistiu nos anos de 1940 a 1950 no sertão Alagoas (p. 170-173).

⁹ RAMOS, Francisco Régis L. **O verbo encantado**: a construção do padre Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí: UNIJUÍ, 1998. p. 29.

¹⁰ Segundo a tradição dos sertanejos, o dia de Santa Luzia – 13 de dezembro – representa o mês de janeiro, os dias seguintes – 14 e 15 de dezembro – respectivamente, os meses de fevereiro e março. De acordo com o aspecto chuvoso ou ensolarado desses dias se pode prever se, nos meses seguintes, dos quais dependem o plantio e a colheita, fará chuva ou sol. (BARROS, Luitgarde O. C. *A Terra da Mãe de Deus*. p. 179).

lhou e o padre Cícero permaneceu em silêncio, já que havia recebido recomendações, nesse sentido, por parte do bispo diocesano, D. Joaquim.

Todavia, monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro, à época, reitor do Seminário do Crato começou a divulgar, emocionado, os acontecimentos de Juazeiro. Vale observar que o milagre da primeira sexta-feira se repetiu por várias vezes depois daquela. Esse mesmo membro do clero organizou a primeira romaria para Juazeiro do Norte com o objetivo de a população adorar o precioso sangue, derramado pela salvação dos homens, em terras do Juazeiro.

A partir daí iniciou-se a querela entre o padre Cícero, agora representante da práxis do catolicismo popular, e a hierarquia eclesiástica, que não aceitava o milagre como verdadeiro, devido a desobediência do padre Cícero que não havia comunicado oficialmente ao Bispo D. Joaquim sobre os fatos em Juazeiro. O bispo teria tomado conhecimento dos fatos indiretamente e deveria ser o primeiro a ser notificado, já que o padre Cícero Romão Batista e o monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro estavam sob sua jurisdição. Assim, somente após uma terceira admoestação do bispo, o padre Cícero, em janeiro de 1890, prestou contas a seu superior acerca dos fatos acontecidos em Juazeiro.¹¹

Entretanto, a desobediência do padre Cícero, que não mandou a beata para a casa de caridade no Crato, segundo ordenara o bispo, levou este a tomar uma decisão irrevogável: não se tratava de milagre, pois devido a desobediência do padre e da beata, o que negava a sobrenaturalidade dos fatos. Duas comissões, uma em 1891 e outra em 1892, foram enviadas ao Juazeiro para investigar os fatos. E, diferentemente da primeira, a segunda comissão, diagnosticou a não existência do milagre.¹² A conseqüência para o padre Cícero seria sua suspensão de ordens, em agosto de 1892. Todavia, isso não o separou dos romeiros, pois, já que não podia celebrar missa, fazia pregações da janela da sua residência no final da tarde.¹³

Em 1894, o Santo Ofício já havia, com base nos relatórios do bispo de Fortaleza, D. Joaquim, julgado os fenômenos acontecidos em Juazeiro, negando sua sobrenaturalidade. Todavia, ao contrário do que pensava o bispo, de que a questão estava encerrada e, portanto, o Juazeiro deixaria de ser centro de peregrinações, as

¹¹ A carta escrita pelo padre Cícero está transcrita na íntegra no livro *A Terra da Mãe de Deus*, de Luitgarde de Oliveira Cavalcante Barros, p. 190-193.

¹² Todas as especulações em relação a provar a não sobrenaturalidade dos fatos por parte da hierarquia eclesiástica são analisadas por Luitgarde O. C. Barros em *A Terra da Mãe de Deus*.

¹³ RAMOS, Francisco Régis L. *Caldeirão: um estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades*. Fortaleza: EDUECE, 1991. p. 32.

romarias já existentes para o local aumentaram, consideravelmente. Para os romeiros, os fatos extraordinários confirmavam que Cristo havia escolhido o Juazeiro para a redenção dos homens. Na cultura dos sertanejos, aquilo que era inexplicável constituía sinal da vontade divina. Segundo Luitgarde O. C. Barros:

"Para os matutos que já o seguiam e dele haviam recebido ajuda, o milagre era a confirmação da santidade do padre por eles tantas vezes vivida e presenciada em atos de vontade e abnegação. Era a legitimação divina de um título que há muitos anos haviam conferido àquele padre manso, de quem já falavam: meu padrinho Cirço não deixa ninguém desvalido".¹⁴

Assim, enquanto na esfera do catolicismo oficial as provas eram acumuladas contra os milagres, e o padre Cícero fosse proibido de confessar, pregar e celebrar, o prestígio do padre só crescia. E, aqui, observamos que aumentou a distância entre essas duas formas de catolicismo, o oficial e o popular, evidentes nesse contexto. A manutenção das romarias ao Juazeiro, a veneração ao padre Cícero como um santo, identificada como práticas do catolicismo popular constituem, na visão de Luitgarde O. C. Barros, "um ensaio de independência dos fiéis em relação ao monopólio de direcionamento da alta hierarquia da Igreja".¹⁵

Com o milagre da hóstia, o poder extraordinário do padre Cícero se confirmou para os romeiros. Era o que faltava ao padre para legitimá-lo como santo no meio popular. Isso pode ser observado nas cartas enviadas ao padre Cícero pelos devotos, segundo a análise de Francisco Régis Lopes Ramos. Nelas, o padre Cícero foi construído como um santo que pode fazer previsões, aconselhar e interferir em situações a favor do fiel. E, se, porventura, acontecesse de um pedido não ser atendido o devoto procurava alguma justificativa, conquanto não maculasse a imagem do padre Cícero. Pode ter sido que a carta não tenha chegado às mãos do padre ou ele não tinha tido tempo de lê-la, ou ainda, os pecados cometidos pelo devoto teriam sido a causa do pedido não ser atendido. Assim, não há nas cartas indícios da perda total da fé nos poderes do padre. Para o fiel importava estar unido ao representante do divino, como consideravam o padre Cícero.¹⁶ Afinal, "a religião, segundo A. Revil-

¹⁴ BARROS, Luitgarde O. Cavalcante. *A Terra da Mãe de Deus*. p. 180.

¹⁵ *Ibid*, p. 146.

¹⁶ A literatura de cordel dos milagres do padre Cícero constitui, no universo sertanejo, um eficiente meio de legitimação do padre como representante do sagrado e, portanto, do seu poder. Nela são constantemente relatados, por exemplo, os perigos da vida sem a proteção do padre Cícero. Também os castigos devido o desrespeito ao sagrado compõem uma pedagogia do medo que reafirma ainda mais o poder do sagrado.

le, é a determinação da vida humana pelo sentimento de vínculo que une o espírito humano ao espírito misterioso no qual reconhece dominação sobre o mundo e sobre si mesmo, e ao qual ele quer sentir-se unido”.¹⁷

O padre Cícero por sua vez, consciente do que representava para os outros, através de sonhos, buscava corresponder ao que os romeiros dele esperavam. Nas cartas, os romeiros pediam conselhos sobre os rumos para sua vida pessoal, casamentos, negócios, conflitos com vizinhos e, também, acerca de remédios para combater doenças ou conselhos acerca de agricultura. Na sua residência o padre possuía uma biblioteca, com acervo variadíssimo de livros, revistas e jornais que lhe permitia um conhecimento admirado pelos seus devotos, que acreditavam que “tanta sabedoria só podia ser dada por Deus”.¹⁸ O padre lia e trazia para os sertanejos os problemas do Brasil, invenções da técnica, de agricultura, horrores da guerra, orientava-os no uso da medicina popular. Enfim, buscava ser o conselheiro constantemente procurado na sua residência, pessoalmente ou através das cartas, por gente de toda classe social, de toda cor e dos recantos de vários lugares da região.

1.2. José Lourenço e o padre Cícero

Após o milagre da hóstia, os anos de 1891 e 1892 marcaram o auge das romarias para Juazeiro do Norte. Alheios às orientações da hierarquia eclesiástica, diariamente, chegavam romeiros no povoado atraídos pelo milagre da beata Maria de Araújo e do padre Cícero.¹⁹

Nesse contexto chegou a Juazeiro, com a finalidade de reencontrar sua família, que já estava na cidade, José Lourenço Gomes da Silva.

Em relação ao local e a data do seu nascimento há discordâncias. Uns afirmam que ele nasceu em Alagoas, em 1872. Os remanescentes do Caldeirão, no entanto, afirmam ser ele natural da Paraíba, do Município de Pilões de Dentro, nas-

¹⁷ Apud DURKHEIM, Émile. **Formas elementares da vida religiosa**: O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

¹⁸ O acervo de conhecimentos do padre Cícero chegou a entusiasmar o botânico alemão Philipp Von Luitzelbug que, a serviço da Inspeção federal de obras contra as secas, do ministério da Viação e obras públicas, passou no Juazeiro em 1921. Na publicação nº 57, série I, do ministério, em 1923, do livro “*Estudo Botânico do Nordeste*”, afirmou que “Os Institutos Científicos deveriam entrar em contato com aquele homem que dispõe de conhecimentos excepcionais com relação a Paleontologia, Geologia e História [...]”. (Apud BARROS, Luitgarde O. C. **A Terra da Mãe de Deus**. p. 175).

¹⁹ Devido o milagre, foram produzidas medalhas cunhadas com as faces do padre Cícero e Maria de Araújo. Após a decisão do Santo Ofício, em 1894, o bispo ordenou os sacerdotes buscar essas medalhas e enviá-las à diocese.

cido em 1870. Outros ainda apontam outras localidades. Mas, é importante salientar que ele foi natural do Nordeste e, como filho de negros alforriados, conhecia bem o contexto social a que nos referimos, marcado pela exploração da mão-de-obra dos ex-escravos, que não tinham outra alternativa de sobrevivência.

José Lourenço teria saído cedo de casa ainda adolescente, e teria ido ganhar a vida no trato de animais, cavalos e jumentos nas fazendas de gado bovino. Voltando à sua terra natal para encontrar sua família soube que haviam migrado para Juazeiro do Norte. E, viajou, também, ficando no povoado após encontrar sua família.

Influenciado pelo ambiente de religiosidade e pelo padre Cícero entrou para uma ordem de penitentes que praticavam autoflagelação em rituais de purificação do espírito. Como leigos, era comum nessas ordens o trabalho de “cuidar” dos mortos, rezando pelas almas, fazendo “sentinelas nos velórios e acompanhar o enterro, cantando benditos, ladainhas e ‘incelenças”’.

Por influência do padre Cícero, a quem, a exemplo dos romeiros que vinham para Juazeiro, considerava um pai, padrinho e conselheiro, José Lourenço Gomes da Silva tornou-se beato. A partir daí adotou um estilo de vida que implicava em fazer penitências, ser caridoso com os pobres, ser casto e desprezar os bens materiais. Para a sua sobrevivência, ao contrário do beato comum que pedia esmolas, o beato José Lourenço trabalhava e dividia o produto do seu trabalho com os pobres. E enquanto a maioria dos beatos tinham parceiros sexuais, ele mantinha o celibato. Aqui, já podemos observar características que indicam a imagem do líder que seria posteriormente.

Entre os anos de 1894 e 1895, José Lourenço foi morar com sua família no sítio Baixa Danta, arrendado por conselho do padre Cícero ao Coronel João de Brito, no Município do Crato. Lá passaria a receber, continuamente, trabalhadores rurais, enviados pelo padre, que chegavam em grande número ao povoado de Juazeiro do Norte.

O beato serviria de apoio ao padre Cícero também na chamada Guerra de 14, conhecida como a “Sedição de Juazeiro”.²⁰ Como era pacífico, participou abaste-

²⁰ A sedição de Juazeiro foi uma guerra civil acontecia no Ceará, onde tropas formadas pela população de Juazeiro do Norte e classes populares de Fortaleza se enfrentaram defendendo os interesses de oligarquias rivais. De um lado, os coronéis do Cariri sob proteção de Nogueira Acioli e do Partido Republicano – PRC e, de outro, os coronéis dissidentes e liberais de Fortaleza, sob a or-

cendo a tropa de Juazeiro com alimentos. O sítio Baixa Danta foi invadido, também, pela força militar do Estado, vinda de Fortaleza e muito do que lá existia foi, evidentemente, destruído. Todavia, o beato junto com os moradores logo reconstruíam o ambiente anterior do sítio.

Em 1921, José Lourenço teria recebido do padre Cícero um touro da raça zebu, presenteado ao padre pelo industrial alagoano, Delmiro Gouveia. E, devido o boi pertencer ao padre Cícero, o povo certamente o tratou com bastante zelo e cuidado, uma das provas disso foi o apelido que lhe deram de Boi Mansinho.

A questão que se deu em torno do Boi Mansinho foi que o boi estava sendo adorado e José Lourenço, não tendo mais a vida de penitência abusava das crenças do povo, apresentava o "touro como autor de milagres".

Dizia-se que a urina do boi servia como medicamento. Dos seus cascos poderiam ser extraídos fragmentos para se pendurar no pescoço como relíquias. E que todos se ajoelhavam diante do touro, o enfeitavam com grinalda de flores e lhe davam a beber mingaus e papas. A notícia se espalhou e os jornais publicavam o fato exagerando nos escândalos e apontando o beato como estimulador de um grosseiro fetichismo. Com isso, Floro Bartolomeu, deputado federal que vivia no Juazeiro, mandou prender o beato José Lourenço e matar o boi em frente à cadeia pública. Teria, também, obrigado o beato a presenciar a morte e até a comer a carne do boi sacrificado. Todavia, o beato que já há 17 dias não se alimentava se recusou a fazê-lo.²¹ Depois da intervenção em favor do beato, por parte de proprietários vizinhos e do próprio padre Cícero, ele foi liberado, voltou a Baixa Danta, onde permaneceu até 1926 com seu povo. Nesse ano, o sítio foi vendido e o beato desapropriado sem qualquer indenização pelas benfeitorias feitas por ele e seu povo. É constante nos depoimentos de remanescentes do Caldeirão, a referência a essa experiência comunitária em relação ao trabalho realizado na região e a fortuna produzida no sítio.²²

dem de Francisco Rabelo. No livro *A Terra da Mãe de Deus*, Luitgarde O. C. Barros trata do intenso envolvimento político do padre Cícero, nesse conflito.

²¹ Em relação ao que seria verdade sobre a história do Boi Mansinho há bastantes controvérsias. O que fica evidente é a perseguição, característica nesse contexto, em termos religiosos contra o catolicismo popular. *Tentando entender o universo cultural sertanejo, devemos levar em conta que, em relação à medicina popular existe muitas crenças a respeito do boi, não só no sertão, mas em diversos pontos do país. "[...] para espantar cobras usa-se queimar chifre do boi. Para dar sorte e ter amor à terra onde nasceu, enterrar o umbigo do recém-nascido na porteira do curral. Os excrementos do boi são usados para sarar feridas e sua urina para curar frieiras [...]"* (RAMOS, F. R. L. Caldeirão: um estudo histórico sobre o beato José Lourenço. p. 53).

²² Os benefícios feitos pelo beato e seus seguidores, no sítio Baixa Danta, estão relatados em FIGUEIREDO, José Alves de. (Ibid., p. 81).

Com isso podemos observar a relação intensa entre o padre Cícero e o beato José Lourenço. É aquele que inspirou a opção de vida religiosa do beato, que antes de chegar ao Juazeiro não gostava de rezar e achava esquisito por não ter costume de fazê-lo. O padre realizou uma espécie de educação religiosa ao beato, e, simultaneamente, passou a solicitar o apoio do beato no acolhimento dos sertanejos em terras que arrendara, na Guerra de 14 e, também, em relação a criação do Boi Mansinho. O padre passou a ser o conselheiro a quem o beato sempre procurava para ter orientações, seja na condição de afilhado ou de auxiliar no papel missionário do padre Cícero no sentido de acolher e cuidar dos desvalidos.

Assim, nessas circunstâncias, começava a se configurar o papel de líder do beato José Lourenço, tanto no aspecto administrativo, quanto espiritual. Sem dúvida, a pessoa do padre Cícero legitimaria o beato frente aos seus seguidores. Sobre o exercício dessa liderança do beato iremos nos deter de forma mais detalhada no próximo capítulo deste trabalho.

1.3. Os caldeirenses e o padre Cícero

Após a expulsão do sítio Baixa Danta, José Lourenço e os seus seguidores procuraram no padre Cícero à solução para os seus problemas. Não tendo onde se fixar, foram ter com o seu "padrinho" para que ele indicasse onde deveriam ir.

A solução dada pelo padre Cícero foi que o beato e o seu povo seguissem para um sítio no pé da Chapada do Araripe, na época conhecido por Caldeirão dos Jesuítas. Era uma terra pertencente ao padre, certamente resultante da doação de algum romeiro ou da aquisição, por compra, feita com a doação de romeiros, em dinheiro.

Assim como em Baixa Danta, ali se instalou uma comunidade coletiva, na qual tudo pertencia a todos. Para lá eram enviados constantemente agricultores que vinham para Juazeiro pedir o auxílio do padre Cícero. Formavam, então, a comunidade dos caldeirenses, uma comunidade de camponeses liderados pelo beato José Lourenço. Inicialmente, era um pequeno grupo em torno da devoção à Santa Cruz. Todavia, com as contínuas romarias a Juazeiro e o constante encaminhamento, pelo padre Cícero, de romeiros retirantes ao sítio Caldeirão, a população do lugar aumentou rapidamente.

Meu padim Cícero, todo mundo que chegava em Juazeiro que era trabalhador da roça, ele botava pra lá pra trabalhar com ele, desde o tempo de Baixa Danta que o povo que trabalhava com ele, já era meu padim Cícero que botava...²³

(Marina Gurgel da Cruz / f / reman. / dez. ~ 1990).

A partir daí fica evidente a relação entre os moradores do Caldeirão e o padre Cícero. Uma vez que foi o padre que os enviou para o sítio, significa que essas pessoas são, devotas do padre Cícero. Vieram para o Juazeiro atraídas pela “santidade” do padre que havia se confirmado para elas com a transformação da hóstia em sangue na boca da beata Maria de Araújo. Depois de pedir ajuda ao padrinho, foram enviadas por ele para o Caldeirão e lá se estabelecerem.

Dessa forma, podemos concluir que o mesmo sentimento de proteção e reconhecimento da santidade do padre Cícero existe entre o povo do Caldeirão.

Meu padim Ciço é um ministro de Deus [...] um padre que é derramado o Sangue precioso nas mãos dele? Só pode ser um ministro de Deus...

(Maria Antônia de Moraes / f / reman. / fev. ~ 2005).



Padre Cícero pra mim é o maior protetor da minha vida...

(Pedro Alexandrino Neto / m / reman. / fev. ~ 2005).

Era o mestre dos mestres, como dizia a história, meu padim Ciço. Era todo mundo considerava ele, que ele era um homem que tinha um grande poder de Deus...

(Maria de Lourdes / f / reman. / fev. ~ 2005).

A devoção ao padre Cícero, publicamente, se manifestou quando, após a morte do padre em 1934, todos da comunidade passaram a vestir-se de preto, em luto pelo padre; o que acontece com o grande número de devotos e afilhados do “santo” do povo.²⁴

Para os fiéis, mesmo que o padre Cícero não atendesse os seus pedidos não havia indícios de perda total da fé nos poderes e na proteção do padre. Para o povo, as suas práticas e o milagre da hóstia eram suficientes para legitimá-lo como santo,

²³ Apud CORDEIRO, Domingos Sávio de A. **Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão.** Fortaleza: Imprensa Universitária / Universidade Federal do Ceará, 2004. p. 42.

²⁴ Foi de posse de informações como essa que, nas perseguições aos ex-moradores do Caldeirão, em 1937, na Serra do Araripe, a ordem era: procurar pessoas de preto, prender e torturar os suspeitos. Muitos deles acabavam sendo mortos. É conhecido na região o episódio de uma camponesa que foi presa por estar vestindo preto. Na verdade, ela não era do Caldeirão, e vestia preto porque estava de luto devido a morte de um parente. Só foi tirada da prisão devido os apelos de pessoas influentes da localidade. (RAMOS, F. R. L. **Caldeirão: um estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades.** p. 148).

um representante de Deus entre os homens. Observamos isso em relação ao povo do Caldeirão, quando nos depoimentos de remanescentes não se vê nenhuma atribuição de culpa ao padre Cícero pela destruição da comunidade.

As terras eram pertencentes ao padre Cícero. Todavia, no seu testamento escrito em outubro de 1923, o padre doava grande parte dos seus bens à Ordem dos Padres Salesianos. Certamente estava preocupado em doar a alguma instituição que cuidasse do seu povo. Segundo o padre, em seu testamento:

“Desde muito cedo, comecei a ser auxiliado com esmolas, pelos romeiros de Nossa Senhora das Dores, que aqui chegavam, a par do auxílio eficaz por mim feito para o desenvolvimento desta terra, resolvi aplicar parte das mesmas esmolas recebidas em propriedades, visando assim fazer um patrimônio para ajudar uma instituição pia e de caridade, que pudesse aqui continuar a sua obra benfazeja”.²⁵

Quando o testamento foi escrito, a comunidade do Caldeirão ainda não existia. Todavia, o testamento não foi modificado e as terras, agora uma produtiva comunidade, continuaram a pertencer, legalmente, aos Salesianos.

Para Francisco Régis Lopes Ramos a não alteração no testamento se deu pelo fato de o padre Cícero confiar em que os Salesianos não seriam contra o trabalho comunitário dos sertanejos do Caldeirão, e não por esquecimento do padre.

Entretanto, os padres Salesianos, motivados pela política de romanização que já promovera vários conflitos com os romeiros, pediram a reintegração de posses, o que facilitou a entrada da polícia na comunidade e sua conseqüente destruição. Acerca dos conflitos entre o catolicismo oficial e popular trataremos mais à frente, no terceiro capítulo desse trabalho.

A questão que resulta a partir daí para nossa reflexão é que para os fiéis não importava a situação de despejo e destruição da comunidade no sentido de culpar e promover uma ruptura com o padre Cícero, que não havia doado as terras para eles.

Na verdade em alguns depoimentos como de Dona Maria Antônia de Moraes percebe-se que na memória dos devotos o padre Cícero já teria previsto a destruição do Caldeirão em 10 anos. Só existiria de 1926 a 1936, como realmente aconteceu. Isso seria um indicativo da vontade de Deus manifesta através do padrinho para os caldeirenses.

²⁵ Testamento do padre Cícero, apud RAMOS, Francisco R. L. **Caldeirão: um estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades.** p. 101.

Ao questionar ao beato sobre o fato de o padre Cícero não ter dado o sítio para eles, o jornalista Hildebrando Espínola teria recebido como resposta: "Meu padrinho tinha outros compromissos". Segundo o jornalista que havia ido ao Caldeirão fazer uma reportagem sobre o retorno da população ao Caldeirão, após a destruição, o beato não tinha rancor de ninguém, muito menos do padre Cícero.²⁶

Na verdade, para os remanescentes a culpa era atribuída à Igreja, que havia perseguido o padre Cícero e agora perseguia os caldeirenses.

Se os padres concordassem com eles. Você sabe da união nasce a força e da ambição... Não dá né? Lá, sabe o que foi? Os padres Salesianos. Todo fuxico nasceu do bispo do Crato. Eu tenho essa mágoa de padre.
(João Silva / m / reman.)²⁷

Aí, tudo isso foi por causa inveja. Ficaram com raiva porque ia fazer essa capela lá. O Bispo do Crato, ele já morreu, partiu dele, porque ele tinha raiva, porque a gente já sabe que o Bispo do Crato toda vida era de encontro ao meu padrin Cícero. Que até suspenso de ordem pra num celebra missa, pra num batizar, meu padim foi suspenso pelo Bispo do Crato.
(Maria de Maio / f / reman.)²⁸

A devoção dos caldeirenses ao padre Cícero até hoje se manifesta em romarias, orações, visitas ao túmulo do padre ou ainda em promessas feitas ao padre, a exemplo do que acontece com os demais devotos. O sentimento de respeito, devoção e veneração é manifesto publicamente quando falam a respeito do padre ou ainda nas imagens do padre Cícero colocadas na parede central da sala de visitas, entre outros santos canonizados pela Igreja Católica, uma prática característica da religiosidade popular.

²⁶ RAMOS, F. R. L. **Caldeirão** uma estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades, p. 117.

²⁷ Apud Ibid., p. 164.

²⁸ Apud Ibid., p. 118.

A IRMANDADE DA SANTA CRUZ

Uma outra denominação atribuída à comunidade que ora estudamos foi Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. Tal referência utilizou-se pelo fato de a comunidade se constituir numa irmandade em torno da devoção à Santa Cruz. Para Domingos Sávio de A. Cordeiro, a origem da Santa Cruz como uma irmandade se dá nos relatos sobre o Caldeirão como uma comunidade. Embora na experiência anterior no sítio Baixa Danta já existisse uma organização no sentido de comunidade, não há nos depoimentos dos remanescentes referências sobre a devoção à Santa Cruz, nem a uma irmandade. Essas vinculações só aparecem em relação à comunidade do Caldeirão.

Como nos referimos a pessoas que pertenciam à Igreja Católica, sabemos que a cruz tem relativo e fundamental significado, uma vez que acredita-se na remissão dos pecados e na salvação da humanidade através da morte na cruz de Jesus Cristo. Dessa forma, constitui um objeto sagrado e venerado entre os católicos. E, relativo ao povo do Caldeirão, a devoção a Santa Cruz foi constantemente referenciada nos depoimentos dos remanescentes. Ademais, o líder da comunidade era um beato, e, nessa condição, a cruz adquiriu um valor ainda mais relevante, devido às constantes penitências praticadas por ele. Na memória popular a imagem do beato está agregada à cruz, numa referência aos sofrimentos padecidos por Cristo pela salvação da humanidade.

A devoção à Santa Cruz passou a fazer parte da vida do beato José Lourenço por influência do padre Cícero. Segundo o Sr. Henrique Ferreira, primeiro guardião do túmulo do beato, foi o padre Cícero que escolheu o beato para a missão de ajudá-lo e ser o portador da Santa Cruz do Deserto.

Meu padim José Lourenço, quando chegou, garotinho novo, o pai chegou, com a família e o padim Ciço disse: '- Tu viesse José?'

- Vim meu padim Ciço.

- Tu estás escolhido a tempo, José. Tu estás escolhido a tempo, pra me ajudar a carregar o peso da cruz, para a salvação do gênero humano.

Ele disse: - Qual meu padim, quem sou eu?! O senhor procurou outro de mais apresentação, de mais galanteria.

- É tu mesmo, José, é tu mesmo José!

Ai ele disse, ele tinha chegado quando ele chegou, ai meu padim Ciço entregou-lhe a Santa Cruz, deixou ele na penitência dos penitentes ocultos. Ele passou nove anos de penitência oculta...²⁹

(Henrique Ferreira / m / reman. / entrevistado por Tarcísio Alves, historiador).

A partir daí a cruz passou a constituir um ícone da vida religiosa do beato José Lourenço.³⁰ Foi sob sua égide que o beato liderou por cerca de meio século a existência de suas comunidades.³¹ Ainda hoje, a cruz é visitada por remanescentes, familiares descendentes e pesquisadores, no túmulo do beato, no Cemitério do Socorro, em Juazeiro do Norte.

A cruz dele não pegou fogo. Ta lá no socorro. Visitada, ali é visitada. Ela é milagrosa. Eu sei que muitas coisas o povo diz que lê era santo, porque muita coisa ele obrava milagres e aquela cruz é milagrosa muita gente tem feito promessa a ele e ta sendo valia...³²

(Cecília Inácio / f / reman. Set. ~ 2000).

Segundo observa Domingos Sávio A. Cordeiro, como faziam parte da irmandade, a Santa Cruz significava para os caldeirenses objeto sagrado passível de promover a salvação depois da morte e, ainda, milagres na vida terrena.

E outra ele também garantia a todos que trabalhavam lá, que acompanhavam a Santa Cruz, ele garantiu que podia ir pra riba [cima] dum lajedo, que Deus dava o pão, e assim tudo tem sido. Graças a Deus eu comprei esse terreno aqui...³³

(Antônio Inácio da Silva / m / reman. / jun. ~ 2000).

²⁹ Apud MARQUES, Francisco Wellington. **Mistérios Gozosos: da transformação do imaginário religioso sertanejo no Cariri surgimento da irmandade da Santa Cruz do Deserto.** (Monografia de Especialização em História). Ceará, URCA, 2003. p. 146.

³⁰ Para os remanescentes, a cruz tinha valor tão significativo por pertencer ao trato que eles fazem referência nos seus depoimentos a só a cruz do beato ter sido poupada quando, devido ao processo de perseguição aos beatos, cerca de 1500 cruces terem sido queimadas: "No tempo dos penitentes, doutor Floro mandou chamar ele e prender para matar [...] porque nesse tempo, acho o doutor Floro, acho que queimou 1.500 cruz de penitente. E ele era decurião, mas a dele foi respeitada". (Josefa Maria da Conceição / f / reman. / mai. ~ 2000).

³¹ A referência à existência das comunidades se dá há meio século porque além do Caldeirão (1926-1936), o beato José Lourenço foi líder comunitário em **Baixa Danta (1894-1926)** e no **sítio União (1940-1946)**. Essa última comunidade foi organizada no Estado de Pernambuco e dela participaram algumas pessoas que viviam no Caldeirão. Sua existência se dá até 1946 quando morre o beato devido à peste bubônica. Nessas terras ao contrário de Baixa Danta e do Caldeirão, a propriedade pertencia à comunidade. Lá não houve perseguição ao beato e os seus seguidores.

³² Apud CORDEIRO, Domingos Sávio de A. **Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão.** p. 127.

³³ Apud *Ibid.*, p. 127.

Foi, então, a partir da devoção à Santa Cruz que entre os caldeirenses se constituiu uma relação de irmandade, da qual todos faziam parte de uma mesma comunidade.

Óxente, a Santa Cruz é a nossa defensora. Que nosso Senhor quando morreu na cruz, foi para nos salvar. Olhe a cruz é mais alta que Jesus olhe aqui a prova. Nós sem a cruz não somos nada. O segredo dela é nós acreditar nele (Cristo) e nela. O que eu acho mais importante é isso. Irmãos da Santa Cruz. Era a irmandade da Santa Cruz. E quando a gente acompanhava ela, era tudo irmão da Santa Cruz herdeiros da glória.³⁴

(Josefa Maria da Conceição / f / reman. / mai. ~ 1998).

O sentimento de pertença que os caldeirenses tinham no sentido de fazer parte de uma comunidade, separada do restante da sociedade, ainda hoje é observável entre os remanescentes quando narram acerca do Caldeirão.

Eu num nego de ser. Eu num nego de ter ido. Eu num nego de ter morado. Eu num nego de amar o povo de caldeirão. São meus irmãos, corpo e alma. Eu me sinto feliz por morar no Juazeiro.

(Maria Antônia de Moraes / f / reman. / fev. ~ 2005).

Vale acrescentar, também, que o sentimento de irmandade fluía da própria organização da comunidade, na qual tudo pertencia a todos e, todos eram tratados de forma igualitária, diferentemente do que acontecia fora da comunidade. E esse tratamento igualitário era fundamentado a partir de orientações religiosas. Foi a fraternidade cristã que motivou a vida em cooperativismo, que caracterizou a comunidade do Caldeirão.³⁵

³⁴ Apud CORDEIRO, Domingos Sávio de A. **Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão**. p. 126.

³⁵ Para Francisco Wellington Marques, a "utopia de uma comunidade cristã cabocla nos moldes coletivistas dormia latente no imaginário coletivo do sertanejo à espera de um evento que o despertasse" (MARQUES, Francisco Wellington. **Mistérios Gozosos: da transformação do imaginário religioso sertanejo no Cariri surgimento da Irmandade da Santa Cruz do Deserto**, p. 28). Isso se explica em parte pela ação evangelizadora do padre Ibiapina, no sertão nordestino, no final do século XIX. As ações desse padre se davam no sentido de reconstruir o comunitarismo no qual o serviço social aos pobres e esquecidos pelas autoridades seriam resgatados. Através do seu trabalho, o padre objetivava resgatar um certo fraternalismo indígena fundamentado numa perspectiva comunitarista cristã. Ademais, temos no contexto de existência do Caldeirão a penetração do capitalismo no meio rural, gerando uma situação de crise econômica e social que certamente acentuou o desejo entre os sertanejos de materializar uma comunidade que correspondesse à utopia cristã.

2.1 Rituais religiosos no Caldeirão

Segundo Francisco R. L. Ramos, o homem por ser um animal cultural tem necessidade de construir um sistema que dê organização, sentido e perspectiva em relação ao mundo que vive. É o que Ernest Cassirer, citado pelo referido autor, denomina sistema simbólico. Através dele o homem entra em contato com o mundo e vê as coisas. Nessa concepção, tanto a religião como a ciência, por exemplo, organizam, embora de forma diferenciada, o mundo, estabelecendo uma forma de se relacionar, de ver e de criar a sociedade em que vive.

No contexto do sertão nordestino, em estudo, foi através do sistema simbólico religioso que o homem percebia o mundo em que vivia. O que acontecia com as pessoas, de bom ou ruim, era atribuída à vontade de Deus para suas vidas. Os fenômenos naturais (secas, chuvas) como também os sobrenaturais (milagres das hóstias) eram explicados pela intervenção divina no meio dos homens.

Assim, favorecer o contato com o mundo sobrenatural através da religião constituía uma realidade no meio social a que nos referimos. Eram nas festas religiosas de padroeiro ou na ida às missas mais importantes do ano, para as que se consideram católicas, que vemos as pessoas se unirem com o objetivo de agradar o santo padroeiro, ou a Deus, com as suas atitudes. Na organização das festas religiosas observamos, além da busca desse vínculo com o sobrenatural, a exteriorização concreta da solidariedade, seja em termos familiar ou vizinhança, do homem do campo. Nessas festas todos buscavam contribuir com o objetivo de homenagear o santo padroeiro. Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, "os ritos e associações constituem um reforço de solidariedade integrupal e intrafamiliar".³⁶ Daí podemos concluir que, as práticas religiosas, particularmente em relação às pessoas do campo, dada a importância que a religião tem para elas, constituíam importante elemento de coesão e estruturação dos grupos sociais. Em relação ao Caldeirão, evidentemente, o fenômeno religioso teve importância fundamental e acontecia o mesmo. O sistema simbólico religioso regulava os sentimentos éticos-morais e o comportamento dos caldeirenses.

³⁶ QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Catolicismo rústico no Brasil. In: _____. **O campesinato brasileiro: ensaios sobre a civilização e grupos rústicos no Brasil** Petrópolis: Vozes, 1973.

Na comunidade, as práticas religiosas eram realizadas cotidianamente. Eram feitas procissões, novenas, ladainhas e os dias santos e domingos eram feriados e ninguém trabalhava nesses dias.

Tinha tanta reza, meu irmão. Começavam [as rezas], de seis [horas da noite] às seis [horas da manhã]. E em época de Semana Santa... Bendito "Eu fiz pranto", "Maria valei-me e cântico. O rosário cantado. Era o rosário todo, homem, cantando. Era uma hora de relógio contado. Ai tinha a cantora com ele, num sabe? Era uma moça velha que criou meu velho. Ai respondia todo mundo em voz alta. Cantava bendito. Homem, passava a noite todinha e não dava no fim [...] Ave Maria...³⁷

(Josefa Maria da Conceição / f / reman. / mai. ~ 2000).

Olhe, nós se ajoelhava seis horas da noite e se alevantava seis horas da manhã. Ofício, pranto, Maria valei-me e bendito de toda qualidade. Terço, o cabra de joelho rezando o rosário de queda.³⁸

(Josefa Maria da Conceição / f / reman. / 1998).

Tinha vez que rezava o rosário todim, o rosário cantado. Era cinco hora de oração. Cantavam o Pai-Nosso e a Ave-Maria. Num tinha dia certo. Às vezes era dia, às vezes era de noite. Quando morria um, a gente cantava até na hora que enterrava. [...] Tinha dias que era oração só dentro do quarto, mais o povo, tudo se reunia pra rezar. Agora, tinha dia que ele ia fazer a penitência dele. Ele botava a cruz nas costas e saía. Agora, o povo acompanhava. Os homens era encostado a ele e quando terminava a fila dos home, era a fila das mulher. Ai, ele fazia penitência por todo canto, por dentro dos mato. Quando ele terminava vinha para o quarto de oração... As penitências era andando e cantando os benditos [...]³⁹

(Maria Lourença / f / reman.).

Para Francisco Régis Lopes Ramos, um fator significativo para a fraternidade em grupo era o canto coletivo, presente no cotidiano da comunidade, como observamos nos depoimentos. Até as procissões acompanhavam os ritmos dos benditos: na frente as cantoras entoavam os versos, intercalados pelo refrão, cantado pelo povo. Na morte de algum membro da comunidade, melodias fúnebres – as chamadas incelenças – eram cantadas até o enterro do corpo.

No Caldeirão, as pessoas participavam efetivamente da vida comunidade, mesmo que não obrigadas pelo beato, seja através de atividades relacionadas a o-

³⁷ Apud CORDEIRO, Domingos Sávio de A. **Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão** p. 139.

³⁸ O "rosário de queda" era semelhante ao comum à época, composto de 150 "ave-marias" rezadas repetidamente, e 15 "pais-nossos" intercalados entre cada dezena de "ave-marias". A diferença consistia no fato de as primeiras partes de cada oração ser recitadas de pé e as segundas ajoelhados. Daí ser considerado um ato penitencial, um ritual objetivando aliviar os pecados da alma. (Apud Ibid., p. 139).

³⁹ Apud RAMOS, F. R. L. **Caldeirão** uma estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades, p. 72.

ração ou ao trabalho. Isso contribuía, significativamente, no sentido de favorecer a união e a integração entre eles.

Através da devoção à Santa Cruz passou a existir entre os caldeirenses um sentimento de irmandade, na qual todos eram irmãos na Santa Cruz, irmãos na fé.

É interessante observar o sentimento de penitência existente nos depoimentos até agora lidos. Viver no Caldeirão implicava em rezar, trabalhar, mas também fazer penitências pelos próprios pecados.

Rezava até 12 horas, até uma da madrugada. Às vezes ninguém nem jantar num jantava, ia logo era rezar.⁴⁰

(Antônio Inácio / m / reman. / jan. ~ 2000).

As práticas religiosas eram, em sua maioria, à boca da noite, depois de um dia de trabalho na roça.

⁴¹Às vezes, quando chegava da roça ele fazia sermão [...] Ficava ali aquela moia de gente, tudinho ali, escutando, [...] Ai quando saía dali ia jantar, quando acabasse de jantar, tinha vez que nem terminava direito, já entrava ali pro quarto de oração e ia rezar [...].

(id.)

Todavia, esse aspecto não desanimava o povo do Caldeirão, que dizia do próprio terreno onde se localizava a comunidade, ser um "lugar de penitência". Isso porque as terras do Caldeirão eram bastante acidentadas e tinham muitas ladeiras. Subir e descê-las era também uma forma de fazer sacrifício.

[...] Nesse tempo eu não sentia nada para mim tanto fazia passar a noite rezando. Podia passar o dia trabalhando, e quando fosse cinco horas do dia, não tô com sono não. Ia para roça. Não tinha enfado. Não tinha cara feia. Era tudo na maior satisfação. [...] Rezava com gosto e satisfação. Quando dizia meu padrim ia rezar logo todo mundo ia esperar ele lá no quarto. Que era um quartinho separado, do Santo.⁴²

(Josefa Maria da Conceição / f / reman. / mai. ~ 2000).

Podemos sintetizar o cotidiano do Caldeirão em duas palavras: oração e trabalho. E, como nos referimos a uma comunidade bastante religiosa, o trabalho adquiriu nela uma conotação religiosa. Através do trabalho árduo se aliviava e se repa-

⁴⁰ Apud CORDEIRO, Domingos Sávio de A. **Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão**. p. 91.

⁴¹ Apud Ibid., p. 76.

⁴² Apud Ibid., p.139.

rava a alma dos pecados cometidos. Assim, o trabalho que aparece nos depoimentos dos remanescentes para indicar fartura, no sentido de atender as necessidades do corpo, adquiriu, a função de atender as necessidades da alma. E, assim podemos entendê-lo, do mesmo modo, como um ritual religioso.

Vale acrescentar que, em relação às práticas religiosas no Caldeirão, as vinculações entre o que lá se praticava e as orações características da Igreja Católica oficial. Embora fosse uma comunidade religiosa fundada no catolicismo popular e, por isso, perseguida pela hierarquia eclesiástica, tentava através de suas práticas religiosas, como por exemplo a devoção à Santa Cruz, reafirmar sua fé católica. Afinal, segundo Pedro A. Rodrigues de Oliveira:

"O ritual é o melhor meio de reafirmação da fé do indivíduo e do grupo, pois é por meio do ritual que o grupo, reunido num lugar sagrado, solenemente, proclama a sua fé, uns para os outros, não somente por palavras, mas sobretudo por gestos. Mais do que a apologética, o ritual vale para a consolidação das convicções religiosas; mais do que a linguagem verbal, com seu discurso racional, vale a linguagem não-verbal dos gestos, que atinge as consciências e as vontades através das emoções".⁴³

2.2. O líder beato

Diante dos problemas característicos do contexto sociológico do Nordeste, como seca, fome, doenças e exploração da mão-de-obra do homem do campo pelos latifundiários, é à intensificação da produção religiosa que o sertanejo se dedica.

Com a penetração do capitalismo no campo que tem como uma de suas conseqüências a ruptura dos laços de compadrio, foi, certamente, na sua religiosidade que o sertanejo buscou a proteção.⁴⁴ Desse modo vemos legitimada a liderança do beato, como aconteceu com o padre Cícero. Não foi por coincidência que os romeiros do padre e seguidores do beato se referiam a eles como padrinhos. Na medida

⁴³ OLIVEIRA, Pedro A. R. de. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Rio de Janeiro. Vozes, 1985. p. 308.

⁴⁴ A classe senhorial depois de perder a força de trabalho escravo tem que a partir da renda da terra prover o seu sustento. Para tanto tem a sua disposição a classe camponesa com quem desenvolve os chamados laços de compadrio que constituem relações pessoais de dominação fundada na lealdade entre o senhor e o camponês que trabalha em sua terra. Em troca de serviços diversos prestados pelo camponês, este recebe proteção do seu senhor. Todavia, com a penetração do capitalismo no campo, tais relações pessoais de dominação são substituídas por relações impessoais entre compradores e vendedores da força de trabalho. "Tal experiência é dramática para o camponês porque ele sente a ruptura de aliança entre poderosos e fracos como uma quebra de compromissos sagrados, posto que revestidos pela instituição de compadrio [...] diante dessa experiência o camponês reage pelo banditismo ou marginalidade social, pela migração para o sertão, ou pelo protesto religioso" (Apud Ibid., p. 240).

em que ocorreu um desencanto no universo religioso camponês com a quebra dos laços de compadrio, foram os beatos que apontaram o caminho seguro diante das incertezas geradas pela quebra do vínculo com o senhor todo poderoso que o protegia. Embora existisse uma relação paternalista entre o dono das terras e os agricultores sertanejos, na verdade, coexistiu grande exploração econômica forjada nas relações de compadrio, que comprometeram, consideravelmente, o homem do campo frente ao seu senhor. Ademais, na condição de beato, agregado a uma ordem de penitentes, o beato José Lourenço pôde manter um status religioso superior ao dos demais leigos.

A falta de padres característica das áreas rurais favoreciam ainda mais a legitimidade da liderança do beato entre o povo sertanejo.⁴⁵

Assim, podemos afirmar que o beato José Lourenço se legitimou e agregou seguidores como líder carismático. É o carisma, entendido como “dom da graça”, que contribuía para que o líder fosse seguido pelos que estavam em desgraça e que o seguiam por acreditar ser ele extraordinariamente dotado, segundo assinala Max Weber. Vale acrescentar que a legitimidade do beato não se restringia apenas ao povo do Caldeirão, mas também a alguns contemporâneos. Na medida em que tinha trânsito entre as elites da sociedade o beato possuía legitimidade civil. Como exemplo temos o advogado Júlio Macedo que entrou em ação contra o Estado, depois da destruição da comunidade, tentando obter indenização pelas perdas das benfeitorias feitas nas terras do Caldeirão e dos bens materiais da comunidade; a intervenção de alguns coronéis do sítio Baixa Danta quando o beato foi preso devido os boatos acerca do Boi Mansinho, pedindo para que o libertasse; e, a atuação do advogado e vizinho do beato, José Alves de Figueiredo, que redigiu um longo artigo, já referido anteriormente, no jornal *O Povo*.

Para caracterizar o beato José Lourenço, além do conceito de líder carismático, podemos utilizar o conceito histórico de messias, elaborado por Max Weber. Segundo ele, “o messias é alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do

⁴⁵ A escassez de sacerdotes nas áreas rurais indica a ausência de dominação do catolicismo romano sobre a maioria da população. Este seria um dos fatores que, junto à falta de conhecimentos religiosos e com influências do catolicismo tradicional português teria gerado o catolicismo popular, bastante perseguido pela hierarquia eclesiástica, à época do Caldeirão. O papel religioso, neste sentido, foi desenvolvido pelos beatos e sofreu restrições com a implantação do processo de romanização no Brasil. Não foi a toa que o beato José Lourenço foi perseguido pela hierarquia eclesiástica desde o início da sua vida de penitente.

bem sobre o mal ou corrigir as imperfeições do mundo, permitindo o advento do Paraíso Terrestre, tratando-se, pois de um líder religioso e social".⁴⁶

Na condição de beato que busca uma vida de santidade, renúncia, penitências, desprendimento e marcada pelo celibato, José Lourenço adquiria legitimidade frente aos seus seguidores, dentro do contexto sociológico a que nos referimos. Ademais, um dos elementos que, evidentemente, legitimava o beato era o fato de ter sido orientado pelo "santo" popular, padre Cícero. Para muitos, o valor do beato era igual ao do padre Cícero e a fé e o respeito a ambos eram parecidos, como podemos observar nos depoimentos dos remanescentes:

O pessoal [de fora] não tinha ele em conta de nada. Mas sendo o romeiro do pé da cruz, todos tinham obediência a ele. Todos.⁴⁷

(Josefa Maria da Conceição / f / reman. / mai. ~ 2000).

Os ensinamentos que era do meu padim Circo era o dele (beato). Era a mesma coisa.⁴⁸

(Maria Lourença / f / reman.).

O povo considerava ele, que ele era uma pessoa muito religioso e tinha muita proteção do meu padim Cirço.

(Maria de Lourdes de Andrade Sales / f / reman. / fev. ~ 2005).

O coração de meu padim José é o do meu padim Cirço e o coração do meu padim Circo é o do meu padim José. Nós sabemos que eles são a mesma palavra.

(Maria Antônia de Moraes / f / reman. / fev. ~ 2005).

O contexto sociológico do Nordeste, marcado pela religiosidade e pela vida de trabalho, também refletiria na memória dos remanescentes sobre o beato José Lourenço, que foi lembrado como homem de oração e trabalho. Como vimos, o beato durante o dia trabalhava na roça e à noite fazia suas penitências.



⁴⁶ QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **O Messianismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Alfa e Omega, 1977. p. 27.

⁴⁷ Apud CORDEIRO, Domingos Sávio de A. **Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão**. p. 147.

⁴⁸ Apud RAMOS, F. R. L. **Caldeirão** uma estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades. p. 72.

José Lourenço no trabalho é um leão
 É um Jó na paciência
 No saber é um Salomão
 É um Daniel na fé
 E um Moisés na oração.

(Trecho de um folheto de cordel de José Bernardo da Silva citado quase na íntegra por Maria Antônia de Moraes / f / reman. / fev. ~ 2005).

O negócio do beato era trabalhar, rezar, ensinar o bom caminho e fazer o bem a todos, fazer o bem a quem fizesse o mal, falar do meu Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores...⁴⁹

(Marina Gurgel da Cruz / f / reman. / dez. ~ 1990).

Além do trabalho na roça, ao beato é atribuído um trabalho especial, relacionado à sua condição religiosa, de conselheiro e mestre para o povo do Caldeirão.

O negócio que eu sei que ele gostava era esse mesmo, era trabalhar, trabalhar e rezar [...] era rezar e trabalhar, quando num tava rezando, nem trabalhando, tava uma moia de gente que nem se ajuntava tudo, e ali ele ficava como um padre aconselhando a tudinho.⁵⁰

(Antônio Inácio Silva / m / reman. / mai. ~ 2000).

O beato ensinava o bom caminho. Pra gente não brigar, não beber, nem matar, nem destruir. Era toda essas coisas mesmo que ele ensinava, que ele ensinava todo dia. Só dava bom conselho. Só dava bons ensinamentos.⁵¹

(Marina Gurgel / f / reman.).

O livro dele. Nosso Senhor deu na cabeça dele que falasse na língua que ele falava. Se ele quisesse. Ele passava uma hora falando... Tum, tum, tum [onomatopéia]. Falava em riba da linha. Não tinha padre nem doutor que falasse como ele.⁵²

(Antônio Inácio Silva / m / reman. / mai. ~ 2000).

O fato de o beato ser um bom vizinho constituía um elemento de valor dentro do mundo sertanejo. Neste, diferentemente das cidades, a qualidade da vizinhança é importante e a individualidade, quase inexistente.⁵³

⁴⁹ Apud CORDEIRO, Domingos Sávio de A. **Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão**. p. 135.

⁵⁰ Apud Ibid., p. 135.

⁵¹ Apud RAMOS, F. R. L. **Caldeirão** uma estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades, p. 70.

⁵² Apud CORDEIRO, Domingos Sávio de A. op. cit., p. 183.

⁵³ Foi como vizinho do já citado advogado José Alves de Figueiredo que o beato lhe cedeu 400 homens a fim de ajudá-lo, trabalhando nas suas terras. Isso explica, em parte, a profunda admiração que o advogado teve pelo beato, externada na defesa que fez de José Lourenço contra os boatos a respeito da sua conduta, no artigo do jornal *O Povo*.

Ele não era mal vizinho de ninguém. Ele não andava com ninguém. Ele não falava de ninguém. [...] Quem chegasse lá com fome ele dava de comer. Pronto, a vida dele lá era essa. Não incomodava com vida de senhor e senhora de jeito nenhum.⁵⁴

(José Pajeú Filho / m / contemp. / 1998).

Todo mundo que chegasse lá, a caridade tava feita. Fosse quem fosse. Ele num queria saber quem era, era. Chegou necessitado ele fazia caridade [...]⁵⁵

(Francisca Lima de Sousa / f / reman. / jun. ~ 2000).

Observamos que, tanto para remanescentes quanto para contemporâneos, o que mais se ressaltava no beato era a sua bondade. Não podemos nos esquecer que, na concepção dos católicos, o santo é aquele que tem “bom coração” e é um “oceano de bondade”. Esse ideal de bondade, ao contrário do que se observava no mundo urbano, constituía parte da cultura do homem do campo, do mundo rural. Por tais características, o beato foi concebido como canal de providência divina, por ser um “remédio para as aflições”, para a sobrevivência e o para um “destino abençoado”, uma vez que a vida com o beato culminaria com as portas abertas do céu.

Para mim ele é Deus. Dei muita passada atrás dele.⁵⁶

(Josefa Maria da Conceição / f / reman. / mai. ~ 2000).

Para eu ele é santo. E confio nele e na divina santa cruz, que eu tou do lado dele. Ah, se eu fosse ao menos a sombra do rastro dele. Eu não sei por que, com a vida mais nós, ninguém ia dizer que ele era santo, mode não surgir mais prissiga (perseguição). Porque ele foi um homem muito perseguido.⁵⁷

(Josefa Maria da Conceição / f / reman. / mai. ~ 2000).

Embora o beato não aceitasse para si a denominação de santo, pois dizia que santo estava no céu, os remanescentes assim o consideravam. Ao beato era atribuído, também, o poder extraordinário de adivinhação.

O povo conversando, achando graça, aí ele olhou ali pra gente disse – é isso mesmo, vocês hoje com tanta alegria, se vocês soubesse do que vai acontecer... Eu não dou três dias, quando vocês acordarem aqui às cinco horas da manhã, é pelo rincho da besta-fera” Todo mundo: ‘Nossa Senhora’ ‘Deus me livre’, pois num foi mesmo? Uns ficou: “Meu Deus o que é a besta-fera?” Pois quando foi um dia às cinco horas tava todo mundo lá quando

⁵⁴ Apud CORDEIRO, Domingos Sávio de A. **Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão**. p. 163.

⁵⁵ Apud Ibid., p. 185.

⁵⁶ Apud Ibid., p. 154.

⁵⁷ Apud Ibid., p. 154.

a gente viu foi a cometa bradando. Estremeceu tudo. Foi a polícia que chegou.⁵⁸

(Francisca Lima de Sousa / f / reman. / mai. ~ 2000).

Eu tenho ele em conta de santo. Porque se a pessoa, uma hipótese eu chego aonde está o senhor, o senhor quase diz meu pensamento, o senhor é alguma coisa, o senhor tem algum mistério. Por isso eu acho que ele tinha grande mistério e fé. Eu dei muitas passadas atrás dele. Uma hora dessa ele ta no reino do céu. Quando ele fechou os olhos, ele foi direitinho para o céu...⁵⁹

(Josefa Maria da Conceição / f / reman. / mai. ~ 2000).

Assim, além do poder de adivinhação do pensamento das pessoas ou da destruição da comunidade, o beato tinha poderes fantásticos. Podia se tornar invisível, assombração, e, até um cupim para escapar às perseguições das forças policiais.

Ele sabia quando vinha gente. Era que ele tinha as orações dele. Ele sabia quando a polícia vinha atacar ele. Ele desaparecia. Não sei. Tinha as orações dele e desaparecia. Aí eles falavam... Eles falavam que a tropa passava e ele ia assim na beira do caminho e não davam fé dele [não o viam] porque naquele tempo tinha gente que lutava. Eu vi um velho mesmo, daqui do Santo Antônio que ouviu falar isso, que tinha umas pessoas perseguindo ele e quando vinha [ele] se pendurava num toco e virava num cupim e passava por ele e não pegava.⁶⁰

(José Pajeú Filho / m / contemp. / 1998).

A partir desse depoimento, observamos como a tradição oral contribuía para legitimar o beato na condição de líder religioso de uma comunidade cooperativista.

Na literatura de cordel, que tem significativa base na tradição oral, tanto o beato como a comunidade do Caldeirão eram referenciados com ênfase nos seus aspectos positivos. Domingos Sávio de A. Cordeiro cita o cordel "História do beato José Lourenço e o Boi Mansinho", de autoria de Abraão Batista (1976), que num trecho se refere ao beato José Lourenço dizendo: "Quem não conheceu disse também pra mim que José Lourenço foi um homem de uma bondade sem fim".⁶¹ Havia, também na literatura de cordel, um relato da ida do beato para o céu, onde, encontrando-se com o padre Cícero, este lhe pediria perdão pela grande confusão dos Salesianos.⁶²

⁵⁸ Apud CORDEIRO, Domingos Sávio de A. *Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão*. p. 165.

⁵⁹ Apud *Ibid.*, p. 172.

⁶⁰ Apud *Ibid.*, p. 166.

⁶¹ Apud *Ibid.*, p. 58.

⁶² *Ibid.*, p. 66.

Além de líder religioso, os remanescentes consideravam o beato um chefe dos trabalhadores. Ele ordenava, negociava bens materiais, gerenciava o trabalho e a produção. Ademais, nos depoimentos observava-se a significativa capacidade do beato em (re) organizar comunidades. Exatamente, essas qualidades assustavam àqueles que promoveram a destruição da comunidade. Numa entrevista ao historiador Tarcísio Holanda, em 1981, o capitão Cordeiro Neto, chefe de polícia à época, dizia acerca do conhecimento de que o beato havia reunido cerca de 400 homens a fim de dar uma ajuda a seu vizinho, José Alves de Figueiredo: “um cidadão que conseguiu reunir 400 homens de uma hora para outra merece um pouco da atenção das autoridades”.⁶³

Foi o que acabou provocando a destruição da comunidade do Caldeirão, que “mais cedo ou mais tarde, poderia ser explorado por algum ambicioso, inteligente e audaz, criando-lhe imprevisíveis embaraços, tanto mais quanto já temos os tristes exemplos de Juazeiro, Contestado e Canudos, onde sofreu revezes o próprio Exército vencedor do Paraguai”.⁶⁴

No meio popular a literatura de cordel ressaltava o caráter positivo do beato José Lourenço e do Caldeirão. No meio oficial, tratava-se de macular a imagem do beato e da comunidade como forma de justificar, para a sociedade em geral, sua destruição.⁶⁵

Havia boatos, entre alguns contemporâneos ao Caldeirão, que afirmavam ter na casa do beato José Lourenço, um piso de tábuas espaçadas por onde, debaixo, observava, o beato, as meninas desfilarem sem calcinhas. Ao beato era atribuída também a posse de um harém, no qual vivia cercado por mulheres jovens com as quais tinha relações sexuais. Outros boatos afirmavam que o beato se embriagava.

⁶³ Apud RAMOS, Francisco Régis L. *Caldeirão: um estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades*. p. 130.

⁶⁴ Trecho do relatório escrito pelo Tenente José Góes de Campos Barros, um dos comandantes da tropa invasora, que foi publicado em jornal e transformado num livro intitulado *A Ordem dos Penitentes*. Apud *Ibid.*, p. 133.

⁶⁵ Esse trabalho foi feito de forma intensa nos jornais da época. *O Povo*, *O Nordeste*, *A Gazeta de Notícias* e *O Estado* foram veículos de informação que constantemente noticiavam os acontecimentos no Caldeirão, justificando a destruição e a ação da força policial contra o povo da comunidade. Na dissertação de mestrado, *A imprensa cearense e o Caldeirão do beato José Lourenço (o discurso da imprensa em relação ao movimento popular camponês do Caldeirão)*, de autoria de Gustavo Adolfo D’Almeida Lôbo, foi feita uma análise do discurso que a imprensa cearense elaborou e veiculou sobre o beato José Lourenço e a comunidade do Caldeirão.

Virgem Nossa Senhora! Que conduta! Um povo desalmado disse que toda moça que chegava lá, não era mais moça quando saía de lá [era mulher dele]. Ave Maria! Meu Deus! Tudo as maldades [...].⁶⁶

(Francisca Lima de Sousa / f / reman. / mai. ~ 2000).

Cachaça eu num sei não, mas cerveja eu vi ele bebendo [...] e uma amiga minha disse que viu foi ele bêbado, ali, perto dessa entrada onde tinha uma bodega, num era José? Tava bebo, bebo [...].⁶⁷

(José Honório / m / contemp. / jun. ~ 2000).

[...] Outros diziam que ele tinha um girau na casa, de botar o povo para caminhar – as moças – no girau e ele ficava por baixo. Foi mentira [...].⁶⁸

(Alípio Gomes da Rocha / m / contemp. / jan. ~ 1998).

Podemos perceber que nesses relatos tratava-se de atribuir ao beato comportamentos contrários à conduta de homem religioso, que, como vimos, legitimava o beato no contexto social característico do sertão nordestino.

Com o objetivo de atingir a organização da comunidade, dizia-se que o beato era vagabundo e não trabalhava, só enricava às custas do trabalho do povo:

No bolso do beato? Diz o povo que nunca faltou. Logo esse povo que tava trabalhando aí, ele não pagava. Era roupa e de comer. Mas ele dava, que eu vi o povo do beato bebendo cachaça com o dinheiro do povo. Por sinal ele agradava o povo que ele queria. Se fosse trabalhar de graça, pra viver sem ganhar um tostão, eu não trabalhava nem pro meu pai...⁶⁹

(José Pajeú Filho / m / contemp. / jan. ~ 2000).

No relato desse contemporâneo, não há o conhecimento da organização da comunidade, que funcionava como uma cooperativa, na qual tudo era de todos e ninguém recebia dinheiro pelo trabalho diário. E, uma vez que os proprietários de terra, a Igreja e o Estado já constituíam uma oposição aos beatos, a fonte dos boatos acerca do Caldeirão e do beato José Lourenço pode a eles ser atribuídas. No entanto, o constante aumento da população do Caldeirão, a partir de 1932, é um indício que se contrapõe a esses boatos, já que o crescimento demográfico do Caldeirão se dava em função da credibilidade atribuída a José Lourenço, na condição de líder da comunidade.

⁶⁶ Apud CORDEIRO, Domingos Sávio de A. **Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão**. p. 130.

⁶⁷ Apud Ibid., p. 133.

⁶⁸ Apud Ibid., p. 132.

⁶⁹ Apud Ibid., p. 137.

Segundo José Alves de Figueiredo, no artigo *O beato José Lourenço e sua ação no Cariri*, já referenciado, as pessoas tratavam o beato com todo respeito. Ao encontrarem com ele, ajoelhavam-se a seus pés e beijavam-lhe as mãos. O fracasso do beato na condição de líder seria, sem dúvida, a sua ruína.⁷⁰ Todavia ele foi provocado por pessoas que se sentiam prejudicadas pelo sucesso da comunidade. “Afinal pode parecer aos seus seguidores que a virtude o abandonou. É então que sua missão se extingue e a esperança aguarda e procura um novo portador do carisma”.⁷¹

Quanto à acusação de exploração de mão-de-obra, visando enriquecer às custas do trabalho do povo, podemos refutá-la com a idéia que adotamos em relação ao beato como um líder carismático, além de contarmos com os depoimentos dos remanescentes. Segundo Weber, “o domínio carismático é oposto do domínio burocrático. Se este depende de uma renda regular, e daí pelo menos a *potiori* de uma economia monetária e tributos em dinheiro, o carisma vive nesse mundo, embora não seja deste mundo [...] Frequentemente, o carisma, deliberadamente abstém-se da posse de dinheiro e de renda pecuniária per se, como São Francisco e muitos semelhantes a ele”.⁷²

O discurso dos opositores do Caldeirão era manifesto através de boatos, muitos deles divulgados em jornais e mesmo na televisão.

As perseguições a José Lourenço, na condição de beato, já existiam desde o movimento religioso no Juazeiro do Norte, quando os beatos eram vistos como sinônimos de atraso e selvageria em oposição ao ideal de modernidade e civilização que se tentava a todo custo promover na região.

A acusação de que o Caldeirão constituía um núcleo de rebeldes comunistas, de que o beato era representante do movimento comunista na região e desejava promover uma invasão armada na cidade do Crato foram suficientes para justificar a invasão e a destruição da comunidade.⁷³ Certamente, como as terras pertenciam

⁷⁰ Para manter sua autoridade como líder, o beato deveria ser um exemplo de vida cristã, seguindo regras morais como a honestidade, o respeito, abnegação às coisas materiais. Caso contrário, sua falha implicaria, certamente, na quebra de elos entre ele e o seu povo.

⁷¹ WEBER, Max. **Ensaios de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1963. p. 287.

⁷² *Ibid*, p. 285.

⁷³ A denúncia de que o Caldeirão constituía um reduto de comunistas estava fundamentada na perseguição que se promovia, à época, no país contra os comunistas. Aqui em Natal aconteceu, como sabemos a Intentona Comunista, em 1935, quando o movimento dos comunistas tomou o governo da cidade por três dias. Acreditava-se que o Caldeirão teria sido lugar de refúgio de muitos dos que foram perseguidos, após a dispersão e prisão de muitos revoltosos. A destruição da comunidade se deu um ano depois. E, num censo realizado pela polícia, no local, cerca de 75% das pessoas que

aos Salesianos, a Igreja, na condição de opositora ao Caldeirão e ao beato, pressionou no sentido de que a reintegração de posse fosse solicitada pelos padres.

Referenciado por alguns autores como marxista prático, na verdade, podemos inferir que os conhecimentos adquiridos pelo beato não vinham de teorias sociais, mas da experiência prática adquirida nos 30 anos que passou no sítio Baixa Danta, em período anterior ao Caldeirão. Fora lá que descobrira a forte ligação entre o cooperativismo e a mensagem bíblica e as vantagens trazidas pela união fraterna para todos e não só para uma minoria. Assim, as práticas consideradas comunistas no contexto em que estão inseridas e dado o seu caráter, fundamentalmente, religioso, foram relacionadas mais às experiências dos primeiros cristãos, segundo o relato do livro dos Atos dos Apóstolos, que consta na Bíblia. Ademais, o comunismo era considerado não-cristão pelos católicos. Pois, para estes, preocupados com os aspectos materiais, os comunistas esqueciam-se de buscar os aspectos espirituais.

É interessante notar que os próprios membros da comunidade em seus depoimentos demonstram aversão e condenam o comunismo.

Não. Eu não acho que seja comunismo porque, como é que é, eu to pensando [...] se a pessoa só reza, a pessoa teme a Deus. Acha que pode ser? Eu acho assim na minha mente.⁷⁴

(Maria Tereza de Moraes / f / reman. / set. ~ 2000).

Quantas escadas tem o céu? Pois tem duas. Como é? Uma toda vermelha, e outra branca. E nós só sobe na branca. Um penitente do padre Francisco foi tentar subir na escada vermelha, apenas deu dois passos, tropeçou e caiu. Só se sobe pela escada branca...⁷⁵

(Josefa Maria da Conceição / f / reman. / set. ~ 1998).

Analisando as memórias construídas pela imprensa acerca do Caldeirão e do beato, Domingos Sávio de A. Cordeiro identifica a existência de três mitos. Durante o massacre, no final da década de 30 e início dos anos 40, temos a imagem do beato como um bandido, líder de fanáticos. Após vinte anos, na década de 60, o Caldeirão voltou a ser notícia nos jornais. Mas, nessa ocasião o beato José Lourenço era apresentado como pioneiro em implementar uma experiência socialista. Posterior-

estavam no Caldeirão eram do Rio Grande do Norte. Pode ou não ser coincidência. A verdade é que o beato recebia muitas pessoas na comunidade. Todavia, não podemos afirmar que a comunidade acolheu possíveis fugitivos como comunistas.

⁷⁴ Apud CORDEIRO, Domingos Sávio de A. **Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão**. p. 89.

⁷⁵ Apud *Ibid.*, p. 166. A referência à cor vermelha poderia estar relacionada ao comunismo, segundo este autor.

mente, após 1980, passaram a ser vistos – o beato e o Caldeirão – como símbolos da luta por direitos e pela reforma agrária. Aqui o movimento é apresentado como precedente do Movimento dos Sem Terra, no sentido de construir exemplo prático da reforma agrária como uma das soluções para os problemas sociais no Nordeste. No próximo capítulo, iremos nos deter a esse aspecto, conhecendo sobre a atuação da Comissão Pastoral da Terra com o objetivo de reconstruir simbolicamente o Caldeirão, resgatando-o como símbolo da luta pela terra e por direitos na região.

O CALDEIRÃO E A RELIGIOSIDADE POPULAR

No contexto do sertão nordestino, podemos observar a existência de uma religiosidade marcada pelo simbolismo e pelo misticismo que são explicados pela formação do povo sertanejo. Desde a colonização do Brasil até a proclamação da República, o catolicismo foi oficialmente a única religião admitida na legislação.

O catolicismo que se formou no Brasil foi trazido pelos colonizadores portugueses na sua versão mais popular. Após o desembarque dos portugueses, uma cruz foi fincada no território brasileiro e celebrada a primeira missa na terra "recém conquistada" que teve, inicialmente, o nome de Terra de Santa Cruz.⁷⁶ Podemos perceber, desde esse primeiro momento, a importância dos símbolos religiosos como forma de expressão. Coube aos missionários e colonos portugueses a evangelização e catequização dos índios aqui encontrados.

Para Maria Isaura Pereira de Queiroz, o catolicismo popular característico da realidade brasileira se formou a partir de transformações e adaptações do catolicismo romano oficial e do catolicismo considerado tradicional trazido pelos portugueses. Ademais, a falta de padres, bastante típica da realidade brasileira desde colonização, sem dúvida, dificultou que os conhecimentos religiosos acerca da doutrina oficial fossem divulgados para população. A escassez de sacerdotes foi ainda mais acentuada nas zonas rurais e sertanejas.⁷⁷ Em muitos atos religiosos foram os beatos que substituíram os sacerdotes. Assim, a fé transmitida de geração a geração era entendida como tradição e não como conhecimento doutrinário em si. Segundo essa mesma autora o catolicismo popular que teria chegado com os portugueses subdividia-se em rústico e urbano. Todavia, o processo de modernização das cidades teria provocado a restrição desse catolicismo ao campo, ao mundo rural.⁷⁸ E,

⁷⁶ OLIVEIRA, Pedro A. R. de. **Religião e dominação de classe**: Gênese, estrutura e funcionamento do catolicismo romanizado no Brasil. p. 113.

⁷⁷ Riolando Azzi, em *O catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução do Brasil*, aponta o regime de Padroado como obstáculo à ação pastoral do clero no Brasil. Tal regime consistia na concessão de privilégios atribuídos pela Santa Sé aos reis de Portugal, no sentido de que eles assumissem o projeto de evangelização das terras conquistadas. O resultado desse processo foi uma maior vinculação do catolicismo ao poder civil quando comparado ao poder eclesiástico. Dessa forma, o clero exercia, freqüentemente, funções políticas que o impedia de realizar uma efetiva ação pastoral no território brasileiro, já nos primeiros anos de colonização.

⁷⁸ QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Catolicismo rústico no Brasil. In. _____. **O campesinato brasileiro**: ensaios sobre a civilização e grupos rústicos no Brasil. Para Luitgarde Oliveira C. Barros, o catolicismo popular não deve ser referenciado como rústico, ao contrário do que assinala Maria I. P. de Queiroz. Para ela, as práticas do catolicismo popular não se restringem ao campo, mas se estendem à cidade. Daí não deve ser referido como rústico. A autora dá exemplos em *A Terra da*

dada, as condições sociológicas do sertão nordestino, propícias às manifestações religiosas de caráter mais popular, nesse contexto o que predomina é o catolicismo popular e não o oficial.⁷⁹

A tentativa de recuperar o tempo em relação à divulgação da doutrina do catolicismo romano em território brasileiro se efetivou com a implantação do processo de romanização no Brasil, seguindo orientações do Concílio Vaticano I, do final do século XIX.⁸⁰ Esse processo teve largo campo de ação no Brasil por coincidir com a separação entre Igreja e Estado. Como já nos referimos, até 1890 o catolicismo era a religião oficial do Estado. Entretanto a Questão Religiosa em torno de obedecer ou não às imposições do Estado ou da autoridade da Igreja culminou com a separação entre as duas instituições.⁸¹ Até então era o imperador que designava os cargos de ocupação da hierarquia eclesiástica, conforme o direito de padroado. Além de algumas perdas em termos políticos, o real problema da Igreja se constituiu em torno da ruptura entre o clero e a grande massa de fiéis como consequência dessa separação. Afinal, foi decretada a tolerância religiosa e também o casamento civil na mais nova legislação do país.

A Igreja Católica tratou logo de efetivar a evangelização dos fiéis, buscando, assim, garantir o seu apoio. Para tanto, investiu no processo de romanização do catolicismo popular praticado no Brasil. Através de um projeto de evangelização, a

Mãe de Deus, de manifestações com as mesmas características de movimentos como Canudos e Juazeiro, mas que aconteceram na cidade do Rio de Janeiro.

⁷⁹ Vale salientar que, o fato de o catolicismo popular ser mais predominante não significa que o catolicismo oficial não existisse no Brasil. Segundo Pedro A. R. de Oliveira o catolicismo oficial desempenhou a função de manter a unidade religiosa e moral do todo. Isso porque a multiplicidade e segmentação do catolicismo popular e as representações e práticas religiosas das populações levariam à constituição de múltiplas seitas caso não estivessem submetidas a uma centralização institucional. "Foi buscando equilibrar o catolicismo popular e o catolicismo oficial que se constituiu o trabalho do clero".

⁸⁰ Ainda no século XIX quando o direito de padroado concedia o controle da religião aos imperadores do Brasil implantou-se o movimento dos bispos reformadores com objetivos análogos aos que posteriormente se manifestariam com o processo de romanização: efetivar as orientações da hierarquia da Igreja em Roma, ditadas pelo Concílio de Trento e assumir o controle da vida religiosa do povo. A nível do clero se propunha a instituição de seminários eclesiásticos sob a orientação de congregações religiosas européias. A nível do povo se buscava uma melhor instrução catequética visando afastá-los da "ignorância religiosa, das práticas supersticiosas e das manifestações de irreverência e de fanatismo no culto" (AZZI, Riolando. *Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução do Brasil. Religião e Sociedade*. São Paulo: Centro de Estudos de Religião, v. 1, n. 1, p. 125 – 149, mai. 1977).

⁸¹ O regime de Padroado fazia várias concessões e privilégios aos imperadores do Brasil por parte da Santa Sé. Com a reforma Tridentina, os bispos objetivavam efetivar o controle sobre a religião católica no Brasil até então sob a autoridade do Estado. Os constantes atritos entre o poder do Estado e a autoridade da Igreja culminaram com a questão religiosa de 1870. Entretanto, o movimento de reforma católica só se efetivou com a proclamação da República, quando ocorreu a separação entre a Igreja e o Estado.

doutrina da Igreja não conhecida pelo povo, considerado ignorante, seria ensinada. As questões centrais desse projeto de evangelização seriam, segundo o discurso reformador, o senso de hierarquia entre o clero e, em relação ao povo, a prática dos sacramentos. Uma série de reformas seria introduzida na Igreja Católica em termos hierárquicos com o objetivo de favorecer diretamente a unidade e autoridade dos bispos e “a disciplinarização do clero” e, indiretamente, a “regeneração religiosa do povo”.⁸²

Com isso, se configurou um conflito uma vez que, na verdade, o povo não era ignorante da sua religião, mas somente da doutrina oficial da Igreja Católica. O catolicismo popular, visto como uma negação prática do catolicismo romano pelo Concílio Vaticano I, constituía para o povo sertanejo a manifestação sincera da sua religiosidade.

Para Pedro A. R. de Oliveira, podemos definir o catolicismo popular como “um conjunto de representações e práticas religiosas auto produzidas pelas classes subalternas, usando o código do catolicismo oficial. Isso significa que o catolicismo popular incorpora elementos do catolicismo oficial – os significantes – mas lhes dá uma significação própria, que pode inclusive opor-se à significação que lhes é oficialmente atribuída pelos especialistas”.⁸³

Segundo Antônio Gramsci “toda religião, mesmo a católica, é na realidade uma pluralidade de religiões distintas e freqüentemente contraditórias”.⁸⁴ A partir disso, podemos definir que o conflito entre a religiosidade oficial e popular, dentro do catolicismo, se torna mais nítido, quando nos referimos ao movimento do Juazeiro e do Caldeirão.⁸⁵ É nesse contexto que estudamos os antecedentes do Caldeirão com os milagres das hóstias em Juazeiro, como vimos no primeiro capítulo, e as perseguições empreendidas contra o beato e a comunidade do Caldeirão.

No processo de romanização empreendido pela Igreja Católica, muitas ordens européias foram trazidas para o Brasil com o objetivo de efetivar as práticas refor-

⁸² OLIVEIRA, Pedro A. R. de. **Religião e dominação de classe**: Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. p. 288.

⁸³ Ibid., p. 135.

⁸⁴ Apud Ibid., p. 135.

⁸⁵ A dualidade catolicismo oficial e popular não é exclusivamente brasileira. Em vários países existiu a oposição entre as necessidades religiosas espontâneas, formuladas pela massa da população, aliadas à conservação de antigas tradições religiosas e à estrutura de uma hierarquia sacerdotal sustentada por um dogmatismo mais ou menos rígido. (QUEIROZ, Maria Isaura P. de. *Catolicismo rústico no Brasil*. In: _____. **O campesinato brasileiro**: ensaios sobre a civilização e grupos rústicos no Brasil, p. 73).

mistas. Entre elas estavam os Salesianos, a quem o padre Cícero doou a maioria dos seus bens. Sem dúvida, vieram imbuídos de um espírito de obediência religiosa às orientações do catolicismo romano oficial, determinadas a partir do Concílio Vaticano I. Coube a tais congregações e ordens o trabalho de exercer o controle financeiro das esmolas levadas para os centros de romarias, combater as superstições e o fanatismo atribuídos aos praticantes do catolicismo popular.

Vale acrescentar que, a política de romanização promovida pela Igreja Católica coincidiu com o processo de entrada do capitalismo no campo. O camponês viu como tragédia a quebra dos laços de compadrio devido à imposição de relações sociais de produção capitalistas. O catolicismo popular, vivenciado pela massa camponesa, só entendia a penetração do capitalismo no campo como ruptura da ordem estabelecida por Deus. Pois, para os católicos, Deus constituía a única divindade onipotente que governava o mundo conforme os seus desígnios. Desse modo, tudo o que existe no mundo foi criado por Deus, e, sem ele nada existe, nem acontece. Como os laços de compadrio eram revestidos de uma áurea de sagrado, a ruptura desses laços era entendida como “um desvio contra a ordem divina do mundo”.⁸⁶ Daí os escândalos e a indignação dos camponeses.

Assim, o catolicismo popular constituía obstáculo não apenas para ação do clero romanizador, mas também, para incorporação da massa camponesa ao modo de produção capitalista. A Igreja se uniu, então, à burguesia agrária e passou a exercer função de hegemonia no sentido de levar os camponeses “a aceitar as relações sociais, capitalistas como investidas de valor moral e compatíveis com a religião católica”.⁸⁷ Foi combatendo a “ignorância religiosa” que, o membro da hierarquia eclesiástica combateu, ao mesmo tempo, “um dos obstáculos à incorporação da massa camponesa ao modo de produção capitalista”.⁸⁸

Para Pedro A. R. de Oliveira, a religião exerceu, então, uma função de hegemonia no sentido de que dirigiu, moral e intelectualmente, o conjunto social. Foi através das representações religiosas que se tentou “revestir de valor moral as práticas sociais do modo de produção capitalista”.⁸⁹ Por exemplo, atribuiu-se o caráter

⁸⁶ Na medida em que a ordem social que o camponês acreditava ter sido estabelecida por Deus deixa de existir, ele procura restaurá-la, intensificando a sua produção religiosa. Foi nesse contexto que surgiram os chamados movimentos religiosos de protesto social, segundo Pedro A. R. de Oliveira.

⁸⁷ OLIVEIRA, Pedro A. R. de. **Religião e dominação de classe**: Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. p. 278.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 279.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 319.

sagrado à propriedade privada já que todo poder emana de Deus e as autoridades devem ser respeitadas. As práticas sociais impostas aos camponeses foram transfiguradas em atos voluntários pela religião. “É evidente que a transfiguração religiosa das práticas sociais não elimina a sua natureza impositiva; esta continua atuante, mas aparecendo na consciência dos atores sociais não como pura imposição (vender sua força de trabalho para não morrer de fome), mas como um ato de vontade, carregado de valor moral (trabalhar para exercer uma atividade digna meritória para a salvação eterna)”.⁹⁰ Objetivava-se, com isso, ganhar o consentimento das chamadas classes dominadas às relações de produção capitalistas.

3.1. O Caldeirão e a hierarquia eclesiástica

Com a entrada do capitalismo no campo, uma das conseqüências de caráter social foi a quebra dos laços de compadrio, que gerou nos camponeses uma reação de indignação e revolta. Na tentativa de reconstruir a ordem social desestruturada, o camponês recorreu à intensificação de suas práticas religiosas. Não podemos nos esquecer que, um dos elementos centrais do catolicismo popular é a representação de Deus como única divindade onipotente que governa o mundo, segundo os seus desígnios. A Ele é atribuída a organização e a criação do mundo. E tudo que acontece é porque Deus assim quis.

Segundo Pedro A. R. de Oliveira, a intensificação das práticas religiosas podem resultar em movimentos religiosos de protesto social.⁹¹ E aqui enquadramos a comunidade do Caldeirão, que resultou do movimento religioso de Juazeiro. Desse modo, vemos justificadas as práticas religiosas de milhares de sertanejos que foram a Juazeiro e, posteriormente, ao Caldeirão, objetivando encontrar a proteção perdida com a ruptura dos laços de compadrio. As pessoas que se dirigiam para o Juazeiro não iam à procura somente de apoio espiritual ou de conselho do “padrinho”. Acreditando ser aquele território sagrado, devido os milagres das hóstias e a fama do “santo” padre, iam ao Juazeiro buscar rumo para suas vidas.⁹² Era o padre Cícero que

⁹⁰ OLIVEIRA, Pedro A. R. de. *Religião e dominação de classe: Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*, p. 320.

⁹¹ *Ibid.*, p. 316.

⁹² Devido o milagre das hóstias, Juazeiro ganhou a condição de território religioso e passou a ser visto como um lugar onde os devotos têm esperança de eliminar ou pelo menos diminuir suas dores e problemas do cotidiano. A idéia de Juazeiro como espaço sagrado foi desenvolvida por Francisco Régis Lopes Ramos em *Juazeiro e Caldeirão: espaço de sagrado e profano*.

lhes indicava o que deveriam fazer e para onde iriam. E, entre esses lugares estavam anteriormente o sítio Baixa Danta, e depois, o sítio Caldeirão, ambos liderados pelo beato José Lourenço.

Situado no contexto do processo de romanização da Igreja Católica e constituindo um movimento religioso fundamentado a partir do catolicismo popular, o Caldeirão passou a ser alvo das perseguições da hierarquia eclesiástica. Ademais, por constituir-se numa organização socioeconômica diferente da que predominava no restante da sociedade, que se inseria nas relações sociais capitalistas de produção, a comunidade foi também alvo de perseguições das elites econômicas da região.⁹³

Considerado pela hierarquia eclesiástica um espaço que alimentava o fanatismo, o Caldeirão foi destruído a partir do pedido de reintegração de posse pelos Salesianos. No ano de 1936, foi realizada, em Fortaleza, uma reunião com a finalidade de discutir o que fazer com a comunidade. Dela participaram o governador do Estado, o Secretário de Polícia e o Bispo do Crato que concluíram pela destruição da comunidade.

A justificativa para a destruição da comunidade já havia sido preparada pela imprensa que noticiava sobre o beato e a comunidade constituírem um "perigoso núcleo de fanáticos no Sul do Ceará". Ademais, o beato José Lourenço já havia sofrido várias perseguições, sendo preso por diversas vezes. Quanto à comunidade do Caldeirão, ainda em 1930, foi parcialmente destruída durante a chamada Revolução de 30. Segundo José Alves de Figueiredo, jornalista e amigo do beato:



"A revolução de 1930, trouxe novas perseguições ao beato, que foi apontado aos revolucionários, por despeitado, como sendo um elemento perigoso. Fugindo às tropas que o tentara prender, ele abandonou todo o seu trabalho, com o seu pessoal, procurando asilo em lugar seguro".⁹⁴

⁹³ Segundo Luitgarde O. C. Barros em *A Terra da Mãe de Deus* foi por confrontar duas sociedades, a global – desigualitária e exploradora – e a dos beatos – igualitária, ordenadora e harmonizadora –, que comunidades como o Caldeirão foram destruídas pela camada dominante. Esta, receosa de que o processo de conscientização generalizado por tais comunidades neguem o seu modo de produção, aciona todo o aparelho ideológico de que dispõe, e aqui se inclui a Igreja, para destruí-las. A diferença crucial entre os movimentos religiosos e a sociedade na qual as classes dominantes ditavam as regras é que: enquanto as classes dominantes deslocavam o mundo da igualdade, prometido pela tradição cristã, para distante, após a morte, com o objetivo de perenizar sua dominação e hegemonia social, tais movimentos atualizavam as promessas do bem comum, antecipando-as para a vida aqui na terra, numa ação que partia das classes dominadas.

⁹⁴ Apud RAMOS, Francisco R. L. *Caldeirão: um estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades*, p. 96.

Fundamentado em boatos se consolidou o projeto de destruição da comunidade. Além dos boatos que atribuíram ser o Caldeirão um núcleo comunista, vinculado a Moscou, e dos boatos acerca do beato José Lourenço, a construção da capela, iniciada em 1931, foi alvo das perseguições da hierarquia eclesiástica à comunidade.⁹⁵

A Diocese do Crato, representante da Igreja Oficial e imbuída do espírito romanizador da época, não via com bons olhos a liderança religiosa do beato José Lourenço. Pois a submissão dos leigos aos sacerdotes era um dos objetivos do processo de romanização. E o controle efetivo da vida religiosa deveria ser atribuído à hierarquia eclesiástica.

A construção da capela na comunidade foi entendida como uma prática herética do beato José Lourenço, que pretendia desempenhar, segundo os boatos, o papel de padre no templo em construção. O beato foi acusado de “adulterar o culto, ministrando-o com práticas fetichistas”.⁹⁶ Todavia, a intenção do beato era que um padre fosse celebrar os atos religiosos no Caldeirão, segundo depoimentos de remanescentes. Teria até construído uma casa de pedra, com o objetivo exclusivo de abrigar o sacerdote. Mas ao fazer o pedido teria recebido do bispo do Crato a seguinte resposta: “Padre nenhum iria naquele inferno!”.⁹⁷

Observamos, então, que o compromisso com a evangelização esperado da Igreja Oficial não foi levado em consideração em relação ao Caldeirão. Com a ida do padre, à comunidade, poderia se promover a catequização do “povo ignorante” acerca da doutrina da Igreja Católica. Ademais, tanto o povo do Caldeirão quanto o beato, na condição de líder da comunidade, respeitavam a hierarquia eclesiástica. Como devotos e afilhados do padre Cícero eram aconselhados a respeitar profundamente a hierarquia eclesiástica, pois, nos seus sermões, o padre deixava claro que “fora do catolicismo não haveria salvação, nem felicidade”.⁹⁸

⁹⁵ Um dos motivos alegados para a destruição da comunidade seria a possibilidade de ela ser uma extensão prática das orientações comunistas vivenciadas na Rússia. Havia chegado da Alemanha para o beato, um caixote com imagens de Santo Inácio de Loyola, Nossa Senhora e São José encomendadas para a capela a ser construída na comunidade. Todavia, para as forças repressivas, existiam armas, possivelmente enviadas de Moscou para invasão das cidades da região pelos comunistas.

⁹⁶ FIGUEIREDO, José Alves de. Apud., RAMOS, F. R. L. **Caldeirão: um estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades**, p. 106.

⁹⁷ Depoimento de Hidelbrando Espínola. Apud Ibid. p. 107.

⁹⁸ RAMOS, Francisco R. L. **O verbo encantado: a construção do padre Cícero no imaginário dos devotos**. p. 119.

Desse modo, podemos concluir que, por parte do povo do Caldeirão, não existiu o desejo de se opor à hierarquia eclesiástica. E a diferenciação existente entre catolicismo oficial e popular constituiu uma criação da intelectualidade, pois na verdade, os católicos ditos populares não se vêem diferentes dos demais católicos.

O beato era católico, apostólico, romano. Agora foi coisa mal entendida. E eu num sei o que foi, de fazerem essa pressiguição.⁹⁹
(Marina Gurgel / f / reman.).

Para os remanescentes, a certeza de ter vivido no caminho que eles consideravam correto tornava contraditórias as acusações que pesavam sobre a comunidade, classificada como manifestação criminosa.

Porque a gente num tava matando. Num tava roubando. Num tava desonrando. Num tava fazendo mal. Tava trabalhando e rezando. Aí, por isso fomos pressiguido e sentenciado de morte [...]. Tava lá (Caldeirão) cantando, rezando, tão feliz! Trabalhando, comendo, bebendo, vestindo, calçando. Sem ninguém precisar de ocupar, pedir. Porque tudo tinha. Nada faltava, tudo era comum. O que era de um era de todos, e tudo. E aí quando dava-se fé uma pressiguição! Ninguém num sabe o que é nem que num é. Quem sabe é Deus [...] Tudo foi feito, por calúnia, histórias mal contadas [...] Até mesmo a Igreja perseguiu. Porque se a Igreja tivesse dado uma palavra a favor de um beato, sabendo que era um beato do meu padim Cícero, os homem também num tinha feito tanta coisa.¹⁰⁰
(id.).

Mas, porque quem segue a Jesus tem que ter perseguição. Olhe, quem segue a Jesus é perseguido, caluniado, é carniçado. Ainda não vi um querer seguir Jesus ir na lei certa, mode o mundo achar bom, dar valor.¹⁰¹
(Josefa Maria da Conceição / f / reman. / 1998).

Foi, então, na religiosidade popular que muitos procuraram explicação para os acontecimentos. Do mesmo modo que Deus consentira o sofrimento do seu filho Jesus Cristo, acontecera com o beato que, para muitos remanescentes, encarnava a imagem do Cristo sofredor e perseguido.¹⁰²

⁹⁹ Apud CORDEIRO, Domingos Sávio de A. *Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão*. p. 154.

¹⁰⁰ Apud Ibid., p. 154.

¹⁰¹ Apud Ibid., p. 191.

¹⁰² Segundo Domingos Sávio de A. Cordeiro, em *Um beato líder. Narrativas memoráveis do Caldeirão*, tanto nas versões narrativas dos contemporâneos quanto nas dos remanescentes, existem relações interligando as histórias de liderança do beato José Lourenço com a de outros líderes – Jesus Cristo, padre Cícero, Frei Damião, etc.

Entretanto, a destruição da comunidade por iniciativa da hierarquia eclesiástica foi vista, também, com indignação contra a Igreja por parte de alguns remanescentes:

Se os padre concordasse com eles (camponeses do Caldeirão). Você sabe, da união nasce a força e da ambição... Não dá, né? Lá, sabe o que foi? Os padre Saleisano. Todo fuxico nasceu do bispo do Crato. Eu tenho essa mágoa de padre.¹⁰³

(João Silva / m / reman.).

Aí, tudo isso foi por causa de inveja. Ficaram com raiva por que ia fazer essa capela lá. O bispo do Crato, ele já morreu, partiu dele, porque ele tinha raiva, porque a gente já sabe que o bispo do Crato toda vida era de encontro ao meu padrim Cirço. Que até suspenso de ordem pra num celebrar missa, pra num batizar, o meu padrim foi suspenso pelo o bispo do Crato. Esse terreno era do meu padrim Cirço, que mandou fazer essa capela lá. Aí o bispo tinha raiva, né? Agora, era pra fazer a capela, pra eles mesmo (padres) celebrar a missa lá. Mas de certo eles queriam que fosse deles mesmo, né?¹⁰⁴

(Maria de Maio / f / reman.).

Como podemos observar, a Ordem dos Salesianos tinha um compromisso sério com a política de romanização exercida pela Igreja. Aliás teria vindo ao Brasil com o objetivo de auxiliar os padres nessa árdua tarefa. Pois, por constituir uma versão internacionalizada do catolicismo, o processo de romanização, necessariamente, entrou em conflito com as culturas locais, o que favoreceu um aumento na "brecha entre o clero e as camadas populares".¹⁰⁵

Imbuídos que estavam do espírito romanizador, entre a opção de fazer a vontade do padre Cícero, expressa no seu testamento, e obedecer à Igreja, os Salesianos optaram pela segunda alternativa. Além da destruição da comunidade do Caldeirão, os Salesianos ordenaram, em 1939, a destruição das paredes da igreja que estava sendo construída na Serra do Horto, uma localidade da cidade do Juazeiro.¹⁰⁶ A construção dessa igreja era devido o cumprimento de uma promessa feita pelo padre Cícero e três colegas para que caíssem chuvas. À época da destruição estavam as paredes dessa obra com 19 metros de altura por 2 metros de largura e

¹⁰³ Apud RAMOS, F. R. L. *Caldeirão: um estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades*, p. 117.

¹⁰⁴ Apud *Ibid.*, p. 118.

¹⁰⁵ DUSSEL, Enrique (Org.). *História liberationis: 500 anos de História da Igreja na América Latina*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. p. 196.

¹⁰⁶ A Serra do Horto constitui, hoje, um dos lugares mais visitados do Juazeiro do Norte pelos romeiros do padre Cícero. Lá está situada a estátua do padre, considerada a segunda maior do Brasil.

já constituía local de romarias por parte dos devotos do padre Cícero.¹⁰⁷ Esses fatos confirmam a prática dos Salesianos, em obediência à hierarquia eclesiástica, no sentido de efetivar a política de romanização.

O padre Cícero deixou as terras do Caldeirão para os Salesianos, ao invés de deixá-las para o beato. Alguns estudiosos da trajetória do padre propõem que isso se deveu à incessante tarefa a que se propôs, objetivando solucionar sua situação com a hierarquia eclesiástica. Não podemos nos esquecer que o padre Cícero havia sido proibido de exercer seu ministério em Juazeiro devido os milagres das hóstias e sua desobediência à Igreja oficial. Ademais, os padres Salesianos tinham acesso ao poder oficial da Igreja, em Roma. Isso poderia favorecer o padre Cícero em sua intenção de voltar a exercer, legalmente, o seu ministério em Juazeiro.

Na verdade, a vida do padre Cícero pode ser considerada ambivalente em relação à hierarquia eclesiástica, uma vez, ao mesmo tempo em que aceita as romarias e considera o milagre verdadeiro, guarda um profundo respeito pela hierarquia clerical.

Segundo Floro Bartolomeu e Amália Xavier, contemporâneos do padre Cícero, esse mostrava-se sempre pronto a combater qualquer exacerbação mística ou crença exagerada dos romeiros.¹⁰⁸ Entre as cartas que o padre Cícero escrevia a seus devotos identificamos uma em que faz referência a Severino Tavares, considerado uns dos divulgadores do Caldeirão no sertão nordestino.¹⁰⁹ Na carta, o padre se referia ao conselheiro como “um pobre maluco, a quem ninguém deve ligar importância sobretudo para dar crédito as asneiras que anda pregando no meio do povo ignorante”.¹¹⁰ Fica evidente, nesse trecho, o que afirmamos anteriormente em relação a atitude ambivalente do padre Cícero que fica entre a religiosidade popular e a religiosidade oficial. Ademais, o padre se posicionou, nessa carta, a favor do proprie-

¹⁰⁷ RAMOS, F. R. L. **O verbo encantado**: a construção do padre Cícero no imaginário dos devotos, p. 77.

¹⁰⁸ O discurso de Floro Bartolomeu acerca desse aspecto está na fala desse deputado da Câmara Federal, em 1923 que foi depois transformado em livro. O trabalho de Amália Xavier, *Padre Cícero que eu conheci*, de 1969, também tem a mesma preocupação em defender o padre do aparecimento e desenvolvimento do que seria o “fanatismo” do povo sertanejo. (RAMOS, F. R. L. **Caldeirão**: um estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades, p. 108).

¹⁰⁹ Severino Tavares conhecia o beato desde 1926, quando ambos foram para o Caldeirão. Todavia não se fixou na comunidade. Peregrinava pelos sertões e quando anoitecia falava sobre o evangelho, as mensagens e os milagres de padre Cícero. Era conhecido como “Penitente da Mãe de Deus”, que falava dos finais dos tempos, alertava contra os desvios morais e pedia às pessoas que fossem ao Caldeirão. (Ibid., p. 139).

¹¹⁰ SILVA, Antenor Andrade (Org.). **Cartas do padre Cícero** – dos originais manuscritos. Salvador: E. P. Salesianas, 1982, p. 180.

tário quando tentou impedir que os trabalhadores abandonassem as terras dos patrões para viver no Caldeirão.

Para estudiosos do Caldeirão, como Francisco Régis L. Ramos, fora exatamente a aliança com as elites econômicas que teria comprometido a ação evangelizadora da Igreja. Aqui, podemos estabelecer uma relação com a tese de Pedro A. R. de Oliveira segundo a qual a Igreja possuía em relação ao sistema capitalista uma função de hegemonia, entendida no sentido de “direção intelectual e moral do conjunto social”.¹¹¹ Dessa forma, a Igreja contribuía para a formação social do capitalismo agrário, revestindo de valor moral as práticas sociais do modo de produção capitalista.

Assim, ao invés de intervir na comunidade de forma pacífica através da evangelização, a Igreja optou por entregar a comunidade às forças policiais. O catolicismo popular passava a ser visto como um caso de polícia. Aqui estão explicadas as várias prisões sofridas pelo beato José Lourenço e a destruição da comunidade.

Em relação ao catolicismo popular das massas rurais, podemos observar um ato de descaso ou mesmo de pouca preocupação por parte da Igreja oficial no texto da Pastoral Coletiva de 1915, no artigo 823. Somente neste artigo os bispos se manifestaram a respeito das capelas rurais, como assinala Pedro A. R. de Oliveira.¹¹² Tal pastoral constituiu uma das várias cartas elaboradas pelos bispos brasileiros como forma de efetivar a política de romanização. Neste texto, expressou-se o processo de destruição das lideranças religiosas leigas em favor da submissão ao clero ou vigário local. Segundo Oscar Beozzo, o que se diz a respeito das capelas rurais no processo de destruição aos leigos nesse artigo é: “Nos conflitos com as irmandades, a instância chamada a dirimir a contenda são os tribunais. O apelo é feito à ordem jurídica, como supõe a convivência entre pessoas civilizadas. Contra o povo das capelinhas, porém, apela-se para a força policial”.¹¹³

Assim, por constituir, no contexto histórico em que estava situada, uma ameaça ao modelo de produção econômico vigente – o capitalismo – e também uma “outra forma de catolicismo” que “negava” o catolicismo romano, além de ser uma “ameaça comunista”, é que a comunidade do Caldeirão foi destruída. Segundo o

¹¹¹ OLIVEIRA, Pedro A. R. de. **Religião e dominação de classe: Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado**, p. 319.

¹¹² Ibid, p. 290.

¹¹³ Apud Ibid, p. 291.

relatório policial, *A Ordem dos Penitentes*, de autoria do tenente José Góes de C. Barros:

“A verdadeira História da Humanidade é a história das elites; a massa anônima é apenas material de construção – não pode dirigir; as minorias inteligentes e cultas representam o cérebro que pensa, analisa, conclui, ordena, e o corpo é sempre maior que a cabeça que o conduz, isto é, imprime-lhe a coerência lógica das ações”.¹¹⁴

3.2. Romarias ao Caldeirão

O processo de romanização do catolicismo no Brasil foi favorecido pela separação entre Igreja e Estado, com o advento da República. Além da questão religiosa, que se dá com a contradição causada pelo regime de padroado e a autoridade hierárquica da Igreja, houve o conflito entre o catolicismo conservador e a política liberal adotada pelo governo republicano, que favoreceu a separação “temporária” das instituições.¹¹⁵

A mudança de postura da Igreja em relação à política do governo se deu a partir da década de 30, quando já havia acontecido a crise dos modelos liberais, culminada com a crise econômica de 1929.¹¹⁶ A conversão da Igreja ao projeto nacional desenvolvimentista, que caracterizava à época a política do governo brasileiro, teve para ela algumas implicações.

A política de romanização, adotada pela Igreja, tinha por uma de suas características constituir uma versão internacionalizada do catolicismo e por isso entrou em conflito com as realidades nacionais. Teve, então, de considerar o seu caráter europeizado e romanizado superado, já que era alheio à realidade nacional e latino-americana. A Igreja se submeteu a “um lento processo de nacionalização e latino

¹¹⁴ Apud RAMOS, F. R. L. *Caldeirão*: um estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades. p. 137.

¹¹⁵ A História da Igreja na América Latina foi marcada pelo embate entre a Igreja e os Estados liberais e sua legislação. Enquanto a Igreja lutava por preservar seu estatuto de confissão religiosa da maioria da população como também por manter privilégios do período colonial, os liberais objetivavam romper com o poder religioso-social e político da Igreja reduzindo-o a todo custo. No campo político a Igreja separou-se do Estado; no campo econômico os seus bens foram secularizados, (os dízimos eclesiásticos foram suprimidos; os ministros e professores deixaram de receber pelo Estado que também deixou de subvencionar obras, missões e escolas); no campo social foram proibidas as procissões e manifestações públicas e uma campanha anticlerical na imprensa. (DUSSEL, Enrique, (Org.). *História liberationis*: 500 anos de História da Igreja na América Latina).

¹¹⁶ Após a I Guerra Mundial e a crise de 1929, o modelo liberal passou a ser questionado e entrou em crise devido a ascensão do movimento popular, demandando mais democracia, e a ascensão dos nacionalismos, populismos e autoritarismos de esquerda e direita, nos anos 30.

americanização”, além de adotar uma política de “valorização da identidade e cultura autóctones latino-americanas”.¹¹⁷

Desse modo, passou a optar por problemas sociais nacionais característicos da América Latina, desvencilhando-se do ambiente mais devocional que a caracterizava antes de 1930.¹¹⁸ Até sua base social, que, como vimos no capítulo anterior, se restringia às elites oligárquicas, se abriu para as camadas médias e para as massas populares. Assim, a Igreja se voltou para aqueles que constituíram o seu apoio contra o Estado Republicano, após 1889. Pois as elites aderiram aos projetos liberais do governo republicano.

Todavia esse processo de engajamento em prol dos problemas sociais se deu de forma lenta nesse primeiro momento. Antes de 1964, a maior parte da hierarquia eclesiástica se mostrara conservadora, em relação seja às reformas sociais, seja os conflitos do campo, e terminou por apoiar o golpe militar de 1964.

Na tentativa de se estabelecer como instituição, durante o processo de romanização, a Igreja teve de garantir, por exemplo, o capital financeiro para construir e reformar igrejas, e não tinha nas massas camponesas o apoio que precisava. Daí se alinhar mais com as elites dominantes. Isso explica o posicionamento a favor da destruição da comunidade, já que o Caldeirão constituía, na verdade, um problema para os grandes latifundiários, que perdiam quantidade significativa de mão-de-obra. Ademais, como assinalou Luitgarde O. C. Barros, a comunidade era uma ameaça ao modo de produção vigente na sociedade, uma vez que foi uma forma de organização socioeconômica alternativa ao sistema capitalista.¹¹⁹ A semelhança com a experiência comunista, que se opõe, veementemente, ao sistema capitalista, foi um dos motivos para justificar a destruição da comunidade do Caldeirão.

Por exercer uma função de hegemonia, junto ao modo de produção capitalista, a Igreja oficial cuidava para que, como “bons católicos”, os camponeses se sujeitassem com humildade e respeito às condições de trabalho impostas pelos donos da terra e do poder.

Certa mudança começou a ser observada em 1954, na II Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB – que já reconhecia a necessidade

¹¹⁷ DUSSEL, Enrique, (Org.). *História liberationis: 500 anos de História da Igreja na América Latina*. p. 192.

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 196.

¹¹⁹ Em comunidades como o Caldeirão, por exemplo, as relações sociais próprias do sistema vigente, como patrão e empregado, estavam dissolvidas na idéias de igualdade, uma vez que os membros da comunidade se concebiam como irmãos, o que constituía uma nova ideologia.

de reforma agrária. Todavia não se pode esquecer dos riscos de que esta fosse realizada num período anterior às eleições. Já nessa assembléia existiram posições “tímidas e voluntaristas” no sentido de influenciar os proprietários a fazer experiências de reformas em suas terras. A própria CNBB patrocinaria experiências de colonização nas dioceses e paróquias.

Em 1956, bispos do Nordeste solicitariam uma nova política de utilização da terra na qual a maioria dos camponeses deveria se tornar proprietários. Era necessário ter, também, assistência técnica, financeira e educativa.¹²⁰

Já no final da década de 1950 e início dos anos 1960 observamos o crescimento da luta dos trabalhadores rurais, concomitantemente ao intenso processo de mobilização de diversos setores da sociedade brasileira. Todavia foram os setores conservadores da Igreja que saíram vitoriosos, combatendo as teses da reforma agrária. Nesse contexto, pré-ditatorial, foi lançado o livro *Reforma Agrária Questão de Consciência* por Plínio Correia, chefe da TFP (Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição Familiar e Propriedade) e seus colaboradores, os bispos D. Antônio de Castro Mayer, de Campos, Rio de Janeiro e D. Geraldo de Proença Sigaud, de Jacarezinho, Paraná. Segundo esse livro, a reforma agrária constituía uma “idéia diabólica”, pois subverteria a ordem do mundo designada por Deus. Isso porque, para esses estudiosos, já que os homens foram feitos diferentes, fora Deus que determinara que uns fossem predestinados à inteligência e à riqueza – os proprietários – e outros, à doença e à pobreza – os despossuídos e assalariados.¹²¹ Aqui observamos o caráter de resignação atribuído aos bons católicos como forma de garantir as elites dominantes no poder. Afinal, tudo acontecia por vontade e desígnio de Deus para a vida dos homens, que deveriam aceitar o sofrimento terreno como ato penitencial e a garantia de alcançar a “glória”, com a salvação da sua alma, depois da morte. Nesse caso, quanto maior fosse o sofrimento maior seria a “glória celeste”. Exatamente com essa realidade a religiosidade popular, que orientou o Caldeirão, rompeu. E, acabou por ser taxada pela sociedade elitista de desordem, fanatismo, obstáculo à implantação da civilização e do progresso. Embora tivesse práticas religiosas intensas, no sentido também de fazer penitências, o povo do Caldeirão não ficava esperando a vida depois da morte para que a situação melhorasse. Foi através

¹²⁰ MINC, Carlos. O golpe no campo. In: _____. **A reconquista da terra**: estatuto da terra, lutas no campo e reforma agrária. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

¹²¹ *Ibid.*, p. 29.

do trabalho árduo e cooperativo que muitos camponeses sertanejos tentaram, já na vida terrena, ver cumpridas as promessas de igualdade e fraternidade, tão caras ao cristianismo segundo a tradição bíblica. Para Luitgarde O. C. Barros, a relativa autonomia da interpretação da mensagem evangélica levaria o catolicismo popular a se distanciar do catolicismo oficial, e estava na origem dos movimentos sociais religiosos.¹²²

Efetivamente, só podemos observar mudança na postura da Igreja depois do Concílio Ecumênico Vaticano II, ocorrido em dezembro de 1965. As orientações para a Igreja passaram a existir no sentido de impelir ao espírito de fraternidade e partilha das primeiras comunidades cristãs. A partir desse concílio, a Igreja passou a adotar a expressão "Igreja dos Pobres", assumindo o compromisso de trabalhar preferencialmente com as populações marginalizadas.¹²³ Teologicamente, temos uma oposição às orientações de resignação, à espera do paraíso fundamentado numa escatologia que atribuía todo valor ao além e ao futuro.¹²⁴

Desse modo, ao invés de um sofrimento passivo e expiatório, como vimos fazer parte das orientações da Igreja no tempo de existência do Caldeirão, o contexto pós-Concílio Vaticano II deu margem a uma nova postura da Igreja em relação à experiência anteriormente vivida no Caldeirão. Agora, o que se propunha era exatamente uma postura ativa frente aos problemas sociais, no sentido de engajar-se na luta para solucioná-los, no presente e neste mundo.

Em termos de mudanças mais efetivas da postura da Igreja no contexto latino-americano, podemos observá-las na II Conferência do Episcopado Latino-Americano (CELAM), realizada em Medellín, na Colômbia, em 1968. A partir daí, se consolidou a "Teologia da Libertação" e os compromissos da Igreja com os pobres marginalizados foram efetivados. As Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs) foram retomadas, já que tinham sido desativadas devido o golpe militar no Brasil, em 1964.

¹²² BARROS, Luitgarde O. C. *A Terra da Mãe de Deus*. p. 131.

¹²³ Muitos estudiosos viram na opção da Igreja pelos pobres a tentativa dessa instituição de recuperar sua influência sobre a sociedade, perdida devido à secularização e o autoritarismo militar tecnocrático. Todavia, uma vez que tal mudança constituiu conseqüência de mudanças sociais mais amplas, essa atitude não pode ser entendida como um ato planejado. Ademais, não foi só a Igreja que foi até os pobres. Estes também, procuram um espaço social e político para atuar em defesa de si mesmo. Ainda temos a dimensão religiosa e profética da Igreja que pode tê-la condicionado a viver os evangelhos, segundo orientações cristãs (LANDIM, Leilah (Org.). *Sinais dos tempos: tradições religiosas no Brasil*. Rio de Janeiro: ISER – Instituto de Estudos da Religião, 1989. p. 24).

¹²⁴ *Ibid.*, p. 22.

Entre os setores da Igreja que se voltaram para os problemas sociais – apoio aos favelados, presos, índios, operários – organizou-se a Comissão Pastoral da Terra, a partir de 1975, que apoiava os camponeses. Através dela a Igreja se tornou uma das principais forças no sentido de transformar a injusta e violenta estrutura latifundiária no país, lutando pela reforma agrária.¹²⁵

Estabelecemos aqui a relação com a comunidade do Caldeirão, que ora estudamos. Atualmente, a Igreja tem mostrado mudança radical na postura assumida frente à comunidade à época da sua existência. Depois do Concílio Vaticano II observamos outra Igreja, com nova expressão, voltada para os problemas sociais.

A existência do Caldeirão coincidiu com o processo de romanização vivido pela Igreja. Nesse contexto, preocupada em efetivas políticas reformistas e em estabelecer-se como instituição, a Igreja estava alheia aos problemas sociais. Na condição de aparelho ideológico da camada dominante, não podia se colocar a favor dos pobres e marginalizados, que constituíam as camadas dominadas. Vale salientar que aqui nos referimos à Igreja enquanto instituição oficial.

Nesse contexto de renovação na postura da Igreja, o Caldeirão passou a constituir um exemplo de luta pela transformação da realidade social por parte dos camponeses. E buscavam-na, exatamente, a partir da vivência fraterna e da partilha, característica das primeiras comunidades cristãs, como orientava o Concílio Vaticano II, na década de 60.

Nesta época, o Caldeirão voltou a ser notícia de jornal num tom bem diferente do que ocorrera há vinte anos atrás. Os fatos envolvendo José Lourenço e o Caldeirão mudaram. Numa matéria do jornal *O Povo*, datada de 24 de abril de 1969, o beato passou a ser visto como um pioneiro em implementar uma experiência socialista no Estado do Ceará.¹²⁶ A partir dos anos 80, o beato e a comunidade foram tomados por movimentos sociais, organizados no campo, como símbolos da luta por direitos e pela reforma agrária. Dessa forma, o Caldeirão, embora já não existindo de fato, continuou sendo “ressignificado pelos diferentes olhares na memória, carregados de sentidos diferentes e diversificados”.¹²⁷

Exatamente nesse sentido a Comissão Pastoral da Terra, da Diocese do Crato, junto ao MST, Movimento dos trabalhadores Sem Terra, tentaram dar novo senti-

¹²⁵ MINC, Carlos. O golpe no campo. In: _____. **A reconquista da terra: estatuto da terra, lutas no campo, reforma agrária.** p. 30.

¹²⁶ CORDEIRO, Domingos S. de A. **Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão.** p. 113.

¹²⁷ *Ibid.*, p. 114.

do ao Caldeirão. À CPT cabe, desde o ano 2000, a realização da romaria das comunidades, no segundo domingo do mês de setembro, que debate temas variados. Nesse primeiro ano, o MST participou de uma missa / ato celebrado “no chão sagrado do Caldeirão”, em comemoração ao jubileu de 25 anos da CPT. O objetivo desse trabalho segundo Maria Angelita Maciel, representante da CPT, é visualizar a história do Caldeirão, chamando a atenção para a comunidade. Há por parte do Estado, da URCA (Universidade Regional do Cariri), do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e da CPT uma preocupação em o que se fazer com o Caldeirão, todavia não existe ainda um projeto definitivo. Para a CPT importa “olhar o Caldeirão como uma terra banhada de sangue e que precisa ser replantada” e não comercializada, já que uma das propostas se dá no sentido de fazer do Caldeirão ponto de atração turística na região. Partindo de uma visão do Caldeirão como exemplo de Reforma Agrária, a CPT tem por proposta que no Caldeirão se faça um assentamento experimental, com uma média de 15 famílias sem terra. Todavia, isso requer um investimento alto por parte das instituições responsáveis, o que acaba tornando o projeto inviabilizado pelo governo.¹²⁸

Com essas questões, observamos a profunda mudança de postura da Igreja em relação ao Caldeirão. Diferente do bispo do Crato à época de existência do Caldeirão, o atual bispo D. Fernando Panico se refere ao Caldeirão do beato José Lourenço como um santuário e motiva a participação da Igreja nas romarias. Agora, através da dimensão religiosa, o engajamento social, no sentido de transformar os problemas sociais, a exemplo do que ocorreu no Caldeirão, parte da Igreja oficial e não só da Igreja popular. Desse modo, observamos que as práticas características do catolicismo popular são absorvidas pelo catolicismo oficial, a exemplo do que ocorre com as romarias das comunidades ao Caldeirão.¹²⁹

Nos últimos anos, as transformações socioculturais modernas modificaram o catolicismo no Brasil. Todavia não se pode atribuir a tais mudanças um caráter unidirecional, nem linear. O fato de a Igreja incorporar o catolicismo popular em algum

¹²⁸ As informações sobre o trabalho atual da Comissão Pastoral da Terra, em relação ao Caldeirão, foram obtidas através de uma entrevista com a referida representante, em fevereiro desse ano.

¹²⁹ Em relação aos leigos, houve, com o Concílio Vaticano II e o novo Código de Direito Canônico (1983), uma revalorização a sua condição comum e alguns direitos foram reconhecidos como, por exemplo, o de participar da missão da Igreja e da evangelização, que, agora, está comprometida com a transformação da sociedade. Assim, admite-se a reativação do leigo, que, no catolicismo popular, combatido pelo oficial, era autônomo e capaz de iniciativa no campo religioso. (LANDIM, Leilah (Org.). **Sinais dos tempos: Tradições religiosas no Brasil.** p. 27).

dos seus elementos não significa dizer que deixou de ser hierárquica.¹³⁰ A exemplo do que ocorreu entre os anos 50 e 60, antes do golpe militar, as mudanças aconteceram, entretanto elementos do passado foram conservados.

Em relação ao catolicismo popular, em específico, hoje temos um espaço dentro da Igreja para a religiosidade popular. Este passou a ser visto como substância da cultura tradicional e, portanto, cabe ao catolicismo oficial preservá-la.

Isso porque a cultura tradicional é percebida como um argumento contra a secularização da sociedade. Constituiu-se também um reforço da influência da Igreja na sociedade.¹³¹

Todavia não podemos nos esquecer de que a fidelidade à doutrina e à liturgia da Igreja, enquanto instituição oficial, é cobrada dos católicos de modo geral, sem diferenciações.

Vale acrescentar que, a religiosidade popular, classificada por muitos como superstição, atraso e resignação fatalista, passou a ser vista por alguns membros do clero progressista como possuidora de grande potencial de autenticidade e de libertação social.¹³²



¹³⁰ Ibid., p. 26.

¹³¹ LANDIM, Leilah (Org.). **Sinais dos tempos: Tradições religiosas no Brasil.** p. 26.

¹³² Ibid., p. 27.

CONCLUSÃO

No contexto social que estudamos a religião tem importante papel na explicação para todas as situações que acontecem. No caso estudado, a religiosidade possibilitou a ruptura com a condição de miséria e exploração em que vivia a grande maioria do povo no sertão nordestino. E, aqui, parecemos estar diante de uma situação contraditória quando nos lembramos das palavras de Karl Marx, "a religião é o ópio do povo". Nesse aspecto é importante a diferenciação que traçamos durante todo o trabalho no sentido de diferenciar o catolicismo do povo sertanejo – catolicismo popular – do catolicismo das elites – catolicismo oficial. Analisando o episódio do Caldeirão, ao contrário do que sugere Marx, foi a religiosidade popular que possibilitou a ruptura com a ordem de miséria e exploração a que o povo do sertão era submetido.

Com a entrada do capitalismo no campo, a exploração econômica, que ocorria forjada nos laços de compadrio, se tornou nítida. À Igreja coube o papel de continuar direcionando o povo explorado a permanecer submisso à sua condição de classe dominada, pois era vontade de Deus para suas vidas. E, todo sofrimento e privação seriam superados depois da morte. Dessa forma se mantinha e legitimava o poder da classe dominante. Na condição de aparelho ideológico das elites, à época da existência do Caldeirão, a Igreja Oficial permanecia alheia aos problemas sociais do povo nordestino. Os membros da hierarquia eclesiástica que se organizavam no sentido de prover melhoria às condições do povo, em épocas como as secas, ou de crises econômicas ou ainda nos problemas do cotidiano, eram de alguma forma vinculados ao chamado catolicismo popular. Como exemplos temos o padre Cícero e o padre Ibiapina, entre muitos.

Assim, por romper com o catolicismo oficial, voltado apenas para implantar uma política de romanização no catolicismo praticado no Brasil, o catolicismo popular pôde constituir elemento de ruptura com a condição de exploração e miséria, a qual estava "destinado" o povo do Caldeirão, segundo os ensinamentos da Igreja Católica Apostólica Romana.

Entretanto, considerados "praticantes de atos exacerbados", "fanáticos" e "supersticiosos", o povo do Caldeirão, assim como ocorreu em Canudos e Contestado, foi perseguido. E, sua comunidade foi destruída em nome da ordem e do progresso

do país. Afinal, o período da história a que nos referimos é a República que tem na bandeira do país o lema "Ordem e Progresso".

Como havia predito o padre Cícero, segundo alguns remanescentes, o Caldeirão só duraria 10 anos. Por ameaçar o poder da Igreja, na sua condição de instituição romanizada, o Estado, por constituir um "perigoso núcleo de comunistas", e, o poder econômico, por ser considerado uma alternativa de organização socioeconômica ao capitalismo, o Caldeirão foi destruído.

A mudança de posicionamento com a valorização da experiência comunitária vivida no Caldeirão só aconteceria vinte anos depois da sua destruição. A própria Igreja após apropriar-se de alguns elementos do catolicismo popular, organiza romarias e celebra missas no "chão sagrado do Caldeirão".

O estudo sobre essa comunidade nos permitiu perceber a mudança que se deu durante o processo histórico no que diz respeito à concepção de popular por parte da Igreja. Antes considerado passível de destruição, hoje valorizado e apropriado em suas particularidades. A Igreja parece ter aprendido com o catolicismo popular a práxis em vivenciar de forma mais radical a mensagem evangélica: antes alheia aos problemas sociais, hoje ao lado dos pobres na luta pela terra e por direitos.

Essas análises podem integrar a História do Caldeirão à História da Igreja na América Latina. Igualmente o episódio se liga à História do Brasil, uma vez que está relacionada à entrada do capitalismo no campo e suas conseqüências sociais. Ademais, a História do Caldeirão está relacionada a acontecimentos históricos anteriores ao século XX, como o escravismo no Nordeste. A trajetória de pobreza e miséria nordestina se tornou mais acentuada quando, depois de ser considerada a região mais rica da colônia, perdeu sua posição para os estados do Sudeste. Todas as conseqüências socioeconômicas geradas pela exploração da terra e dos homens permaneceram gritantes no interior do sertão nordestino com a abolição da escravidão, no final do século XIX.

Pode-se também perceber como a idéia de modernidade, como sinônimo de progresso e civilização versus atraso e fanatismo, esteve presente na história do Caldeirão, que deveria ser destruído em nome da ordem e do progresso da sociedade. Tanto no movimento religioso de Juazeiro quanto no Caldeirão, observamos a religiosidade popular ser tratada em oposição ao que é moderno e civilizado.

Quando nos referimos ao fato de o catolicismo popular ser restringido ao campo, devido o processo de modernização das cidades, esse aspecto de oposição

entre religiosidade popular versus modernidade se confirma. Na medida em que a modernidade, entendida como acesso ao desenvolvimento tecnológico e científico, chega às populações urbanas com facilidade, devido à comunicação, estas estão mais próximas dos centros de ideologias trazidas do estrangeiro. Com isso, segundo Luitgarde de Oliveira C. Barros, tornavam-se “núcleos de resistência à ideologia religiosa, desenvolvendo o anticlericalismo e o desrespeito a valores centenários na sociedade brasileira, de fundo, predominantemente religioso”.

Há alguns autores que atribuem a opção pelos pobres, tomada pela Igreja no Concílio Vaticano II, uma estratégia para não perder sua influência sobre a sociedade. Isso explica, de certa forma, o fato de se voltar para a religiosidade popular apropriando-se dela. Afinal, quanto mais a sociedade se seculariza mais as pessoas deixam de recorrer à religiosidade para solucionar seus problemas, como faziam no contexto social que estudamos.

Assim, o estudo acerca do movimento social e religioso do Caldeirão permitiu-nos perceber essas mudanças, tanto de concepção como aconteceu com a Igreja, quanto no contexto social nordestino. Na época de existência do Caldeirão foi a religiosidade popular, diferenciada da oficial, que pôde mover aquelas pessoas a viver em comunidade a utopia da fraternidade cristã, como orienta a Bíblia Sagrada. Dessa forma, contestaram a situação de exploração em que vivia a maioria do povo antes de ir para o Caldeirão. Hoje, novas formas de movimentos sociais se organizam no sentido de reivindicar soluções para os problemas sociais, seja no campo ou na cidade. Mas a experiência do Caldeirão continua sendo ressignificado na memória da sociedade, como observou Domingos Sávio de A. Cordeiro, como símbolo da luta pela terra por parte de movimentos como o MST.

FONTES

A) Entrevistas cedidas a autora.

José Tavares de Lira: nascido a 16 de novembro de 1937, em Juazeiro do Norte – Ceará, quando o Caldeirão já tinha sido destruído. Filho do Sr. Eleutério Tavares, um dos administradores do Caldeirão ao lado do beato, e, neto do referido Severino Tavares. O seu depoimento nos ajudou a conhecer melhor a história da comunidade. Hoje é responsável por zelar o túmulo do beato José Lourenço, em Juazeiro do Norte. O Sr. José Tavares visitava freqüentemente o sítio União, em Exu – Pernambuco. Foi entrevistado em fevereiro de 2005, mas não quis gravar entrevista.

Maria Antônia de Moraes: nascida a 30 de outubro de 1925, em Umarizal – Rio Grande do Norte. Foi para o Caldeirão com os pais, em setembro de 1935, permanecendo lá até janeiro de 1936. Segundo ela, embora tivesse de sair de lá acompanhando seus pais, gostou muito de viver na comunidade. Teria ficado lá até a morte. Hoje reside em Juazeiro do Norte – Ceará. Foi entrevistada em fevereiro de 2005.

Maria de Lourdes de Andrade Sales: nascida a 16 de abril de 1927, em Serra do Martins, Rio Grande do Norte. Foi para o Caldeirão, em outubro de 1935, com a família. Depois de lá, foram para o sítio União, em Exu – Pernambuco, acompanhando o beato José Lourenço. Hoje reside em Juazeiro do Norte – Ceará. Foi entrevistada em fevereiro de 2005.

Pedro Alexandrino Neto: nascido a 11 de janeiro de 1924, em Serra do Martins, Rio Grande do Norte. Não gostou muito de viver no Caldeirão, pois atribuiu sua condição atual ao fato de não poder ter continuado os estudos, no Rio Grande do Norte. Aos 12 anos abandonou a família. Esta vivia no Caldeirão, desde outubro de 1935, e seguiu para o sítio União, em Exu – Pernambuco, acompanhando o beato.

Maria Angelita Maciel: nascida a 30 de agosto de 1969 em Barbalha – Ceará. Participa da Comissão Pastoral da Terra, da Diocese do Crato, há 12 anos. Organiza as romarias das comunidades para o sítio Caldeirão e também acolhe os romeiros do padre Cícero na romaria de finados. Foi entrevistada em fevereiro de 2005.

B) Entrevistas cedidas a outros pesquisadores.

Foram retirados trechos das entrevistas cedidas, por remanescentes, a Francisco Régis Ramos, do livro *Caldeirão: um estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades*. Os depoimentos utilizados nesse trabalho foram dos remanescentes: João Silva, Maria Lourença, Maria Tereza de Moraes e Marina Gurgel.

Do livro de Domingos Sávio de Almeida Cordeiro, *Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão*, que fez entrevistas a contemporâneos e remanescentes da comunidade, foram retirados trechos das entrevistas com:

Alípio Gomes da Rocha (contemporâneo): nascido em 1903, em Pernambuco. Era vizinho do beato na época do Caldeirão. Após a desapropriação de José Lourenço foi vaqueirar nas terras do sítio para o novo proprietário – Antônio Teles. Faleceu em 1998. Foi entrevistado, em junho de 1992, por Hildo Moraes Brito e por Maria Cristina Martins, em janeiro de 1998.

Antônio Inácio da Silva (remanescente): nascido em 1925, em Campina Grande – Paraíba. Morou nos sítios Caldeirão e União. Foi entrevistado em janeiro de 2000.

Cecília Inácio (remanescente): nascida no início da década de 1930, em Campina Grande – Paraíba. Entrevistada em setembro de 2000.

Francisca Lima de Sousa (remanescente): nascida em 1912, em Santa Quitéria – Ceará. Esteve no Caldeirão e no União. Entrevistada em maio de 2000.

José Honório (contemporâneo): nascido em 20 de agosto de 1926, em Crato – Ceará. Era vizinho do beato no sítio Caldeirão. Entrevistado em junho de 2000.

José Pajeú Filho (contemporâneo): nascido em 30 de dezembro de 1910, em Exu – Pernambuco. Era compadre e vizinho do beato José Lourenço, no sítio União. Entrevistado em janeiro de 2000.

Josefa Maria da Conceição (remanescente): nascida em 06 de abril de 1928, em Juazeiro do Norte – Ceará. Morou no Caldeirão e no União. Entrevistada em maio de 2000.

Maria Tereza de Moraes (remanescente): conhecida por “Maria de Maio”. Nascida em 04 de abril de 1927, no sítio Caldeirão. Seu pai acompanhava o beato desde o Sítio Baixa Danta. Foi adotada pelo beato José Lourenço e viveu com ele até a sua morte. Entrevistada em setembro de 2000.

Marina Gurgel da Cruz (remanescente): nascida em fevereiro de 1915, no Rio Grande do Norte. Morou no Caldeirão, no União e acompanhou o beato José Lourenço até a morte dele. Entrevistada por pesquisadores do IPESC (Instituto de Pesquisas do Cariri) – Daniel Walker, José Boaventura, Renato Casimiro e Renato Dantas, em dezembro de 1990.



BIBLIOGRAFIA

AZZI, Riolando. Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução histórica do Brasil. **Religião e sociedade**. São Paulo: Centro de Estudos da Religião, v. 1, n. 1, p. 125-149, mai., 1977.

BARROS, Luitgarde O. Cavalcante. **A Terra da Mãe de Deus**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1988.

CORDEIRO, Domingos Sávio de A. **Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão**. Fortaleza: Imprensa Universitária / Universidade Federal do Ceará, 2004.

DURKHEIM, Émile. **Formas elementares da vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUSSEL, Enrique (Org.). **História Liberationis: 500 anos de História da Igreja na América Latina**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

ELÔBO, Gustavo A. D'Almeida. **A imprensa cearense e o Caldeirão do beato José Lourenço: o discurso da imprensa em relação ao movimento popular camponês do Caldeirão**. (Dissertação de mestrado em história). Pernambuco, USPE, 2000.

LANDIM, Leilah (Org.). **Sinais dos tempos: tradições religiosas no Brasil**. Rio de Janeiro: ISER – Instituto de Estudos da Religião, 1989 (Cadernos do ISER, 22).

MARQUES, Francisco Wellington. **Mistérios Gozosos: da transformação do imaginário religioso sertanejo no Cariri surgimento da irmandade da Santa Cruz do Deserto**. (Monografia de Especialização em História). Ceará, URCA, 2003.

MINC, Carlos. O golpe no campo. In: _____. **A reconquista da terra: estatuto da terra, lutas no campo e reforma agrária**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

OLIVEIRA, Pedro A. R. de. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil.** Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **O messianismo no Brasil e no mundo.** 2 ed. São Paulo: Alfa e Omega, 1977.

_____. **Catolicismo rústico no Brasil.** In: _____. **O campesinato brasileiro: ensaios sobre a civilização e grupos rústicos no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1973.

RAMOS, Francisco Régis L. **Caldeirão: um estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades.** Fortaleza: EDUECE, 1991.

SILVA, Antenor Andrade (Org.). **Cartas do padre Cícero – dos originais manuscritos.** Salvador: E. P. Salesianas, 1982.

_____. **Juazeiro e o Caldeirão: espaços do sagrado e do profano.** In: SOUZA, Simone (Org.). **Uma nova História do Ceará.** Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.

_____. **O verbo encantado: a construção do padre Cícero no imaginário dos devotos.** Ijuí: UNIJUÍ, 1998.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia.** Rio de Janeiro: Zahar, 1963. (Biblioteca de Ciências Sociais).